

MOEMA GUIDUCE NOGUEIRA

A ORDENAÇÃO DOS ADVÉRBIOS EM - MENTE NO PORTUGUÊS FALADO
DO BRASIL SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA FUNCIONAL



1910001353



MOEMA GUIDUCE NOGUEIRA

**A ORDENAÇÃO DOS ADVÉRBIOS EM –MENTE NO PORTUGUÊS FALADO
DO BRASIL SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, IBILCE/UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística).

Orientadora: Prof^a Dr^a Erotilde Goreti Pezatti



T. 1353/05

São José do Rio Preto
2004

411
N778 or

04/03/2005

Doação

R\$ 27,00

Autor(a)

076/2005

67/05

Nogueira, Moema Guiducci.

A ordenação dos advérbios em *-mente* no português falado do Brasil
sob a perspectiva da gramática funcional / Moema Guiducci Nogueira –
São José do Rio Preto : [s.n.], 2004

138 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Erotilde Goreti Pezatti

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de
Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Gramática funcional. 3. Advérbios *-mente* -
Ordem. 4. Ordem (Gramática). I. Pezatti, Erotilde Goreti. II.
Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e
Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81



MOEMA GUIDUCE NOGUEIRA

**A ORDENAÇÃO DOS ADVÉRBIOS EM –*MENTE* NO PORTUGUÊS FALADO
DO BRASIL SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA FUNCIONAL**

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Profª Drª Erotilde Goreti Pezatti – Orientadora
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profª Drª Maria Suely Crocci de Souza
UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto

Suplentes

Profª Drª Marize Mattos Dall’Aglio Hattner
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profª Drª Maria Luiza Braga
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro



AGRADECIMENTOS

A Deus, Pelas bênçãos e amor ao próximo.

A Prof. Dr.º Eustáquio de Almeida, pela orientação, orientação e paciência, que tanto contribuiu para a realização deste trabalho, pela paciência e amizade, dedicação e atenção, como também pela orientação e orientação, que tanto me ajudou e me ajudou, por sua orientação.

Aos Prof. Dr.ºs e Dr.ºas, que me ajudaram na orientação e orientação, por sua orientação e orientação.

A Prof. Dr.º Eustáquio de Almeida, pela orientação e orientação, que tanto me ajudou e me ajudou, por sua orientação.

A todos os que me ajudaram e me ajudaram, por sua orientação e orientação.

Aos amigos e familiares, que me ajudaram e me ajudaram, principalmente, pelas bênçãos e orientação.

A todos os que me ajudaram e me ajudaram, principalmente, pelas bênçãos e orientação.

Aos amigos e familiares, que me ajudaram e me ajudaram, principalmente, pelas bênçãos e orientação.

Aos meus pais, Arcir e Beverli, por sua orientação e orientação.

Aos amigos e familiares, que me ajudaram e me ajudaram, principalmente, pelas bênçãos e orientação.

Aos meus pais, Arcir e Beverli, por sua orientação e orientação.

Aos meus pais, Arcir e Beverli, e às minhas irmãs, Luciane e Érika, fontes de apoio e carinho em todos os momentos, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai amoroso e sempre presente;

À Profª Drª Erotilde Goreti Pezatti, pela competência, empenho e razoabilidade, que tanto contribuíram para a realização deste trabalho; pela paciência, carinho, dedicação e amizade como Professora; por me estender a mão, olhar para mim e dizer “Não vai lá não”; por ser especialmente Erô;

Ao Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho, pela disponibilidade em discutir idéias e pela amizade;

À Profª Drª Marize M. Dall’Aglio Hattnher, pelas contribuições no exame de qualificação;

À amiga Liliane, por “gastar” seu tempo para me ajudar e por ser AMIGA;

Ao amigo Marcos, pelos conselhos, conversas e, principalmente, pelas boas risadas;

A todos os colegas do mestrado, em especial, a Marcela, Juliana, Eduardo, Maria Luíza, Fábio, Edson, Valéria e Vanzorico;

Aos amigos da Fisioterapia, Christian, Flávia, Juliana e Lídia, pelo profissionalismo e pelas “mãos” valiosas;

Ao meu pai, Arcir, por ser comedido; e à minha mãe, Beverli, por ser exorbitante;

Às minhas irmãs, Luciane e Érika, pela cumplicidade, compreensão e convivência de todos os dias;

Ao meu namorado Alexandre, por sempre me lembrar: *Abelha fazendo o mel, vale o tempo que não voou; a estrela caiu do céu, o pedido que se pensou. Sim, todo amor é sagrado e o fruto do trabalho é mais que sagrado, meu amor;*

A todos, minha eterna gratidão.



NOGUEIRA, M. G. *A ordenação dos advérbios em –mente no português falado do Brasil sob a perspectiva da Gramática Funcional*. São José do Rio Preto, 2004, 138p. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo descrever, a partir de uma perspectiva funcional, os advérbios terminados em *–mente* no português falado do Brasil, em ocorrências reais que compõem o corpus mínimo do PGPF. Tendo em vista que, por um lado, a linguagem só pode funcionar comunicativamente por meio dos arranjos sintaticamente estruturados e, por outro lado, que a especificação gramatical desses constituintes inclui a sua descrição semântica, pretendemos estabelecer correlações entre os valores semântico e sintático desses advérbios e as posições que eles podem ocupar na oração. Neste estudo, não são incluídos os advérbios *focalizadores*, os *intensificadores* e os que se referem ao discurso. A análise demonstra que os advérbios em *–mente* só podem expressar as funções semânticas de Instrumento, Modo, Velocidade, Tempo, Frequência e Atitudes do falante (modalizadores). Além disso, 1) atuam, preferencialmente, sobre a camada da proposição, fornecendo informação quanto à atitude do falante ou sua avaliação frente ao conteúdo porposicional, ocupando preferencialmente a posição mais à esquerda da oração; 2) os que especificam o EsCo em termos do tempo de sua ocorrência ou em termos do número de suas ocorrências têm preferência pela posição imediatamente antes do Sujeito; 3) os advérbios que indicam a maneira e/ou instrumento pelo qual uma Ação acontece, uma Posição é mantida, um processo é efetuado, ou ainda que indica o montante de Ação ou Processo que corre por uma unidade de tempo preferem a posição imediatamente depois do predicado (verbal, nominal ou adjetival) a que se refere.

PALAVRAS-CHAVE: advérbio, satélite, ordenação, funcionalismo, gramática funcional

ABSTRACT

From a functional standpoint (Dik 1989, 1997), this paper deals with the adverbs in *-mente* (*-ly*) in Brazilian spoken Portuguese. Considering that language can only function communicatively by means of syntactically arranged structures, and that the grammatical specification of those adverbial constituents includes their semantic description, we intend to determine the correlation between the semantic and syntactic values of those adverbs and the positions they can occupy in the clause. This study does not include focus adverbs and those referring to discourse. The analysis shows that adverbs in *-mente* (*-ly*) can only express the semantic functions of Instrument, Manner, Velocity, Time, Frequency and Attitude of the speaker. Furthermore, 1) adverbs act preferably upon the propositional layer, providing information about the speaker's attitude or his/her evaluation in terms of the propositional content; their preferred position is to the left of the clause; 2) adverbs that specify the state of affairs in terms of time of their occurrence or in terms of the number of their occurrences have a preferred position immediately before the Subject; 3) adverbs that indicate the manner and/or instrument by which an Action occurs, a Position is supported, a Process is effectuated, or which indicate the amount of Action or Process of a unit of time prefer the position immediately after the predicate (verbal, nominal or adjectival) to which they refer.

KEY-WORDS: adverb, satellite, order, functionalism, functional grammar



LISTA DE FIGURAS, QUADROS E GRÁFICOS

Capítulo 1

Figura 1: Modelo de interação verbal (DIK, 1989, p.8).....	21
Figura 2: Etapas da descrição da oração (DIK, 1989, p.46).....	23
Figura 3: Estrutura subjacente da oração (DIK, 1989, p.46).....	23
Figura 4: Estrutura hierárquica da oração (DIK, 1989, p.50).....	28
Figura 5: Tipos de Predicação ou EsCo (DIK, 1989).....	32

Capítulo 2

Figura 6: A estrutura hierárquica da oração na GF (HENGEVELD, 1997, p.124).....	59
Quadro 1: Tipos de satélite (DIK <i>et alii</i> , 1990, p.28).....	60
Figura 7: Satélites (HENGEVELD, 1997, p.125).....	73

Capítulo 4

Gráfico 1: Distribuição do satélite de predicado quanto à posição e demais fatores.....	101
Gráfico 2: Distribuição do satélite de predicação quanto à posição e demais fatores.....	109
Gráfico 3: Distribuição do satélite de proposição quanto à posição e demais fatores.....	119



SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS

Capítulo 4

Tabela 1: Distribuição do advérbio em <i>-mente</i> quanto ao tipo.....	89
Tabela 2: Distribuição do advérbio de predicado quanto à posição.....	94
Tabela 3: Distribuição do advérbio de predicação quanto à posição.....	103
Tabela 4: Distribuição do advérbio de proposição quanto à posição.....	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
 CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
 1.1.FUNCIONALISMO.....	18
1.1.1. Modelo de interação verbal.....	20
1.2. ESTRUTURA HIERÁRQUICA DA ORAÇÃO.....	22
1.3. TIPOLOGIA DO ESTADO DE COISAS.....	29
1.4. ORDENAÇÃO DE CONSTITUINTES.....	32
1.5. FUNÇÕES PRAGMÁTICAS.....	39
1.5.1. Foco.....	40
1.5.2. “Preparador de Cenário” (<i>Stager</i>).....	41
 CAPÍTULO 2: ADVÉRBIOS NA LITERATURA LINGÜÍSTICA.....	43
 2.1. A CLASSE DOS ADVÉRBIOS.....	43
2.2. ADVÉRBIOS NA GRAMÁTICA FUNCIONAL.....	55
2.2.1. Advérbios.....	55
2.2.2. A estrutura hierárquica da oração na GF e os advérbios.....	58
2.2.3. Tipologia dos satélites.....	59
2.2.3.1. Os satélites de predicado.....	60
2.2.3.2. Os satélites de predicação.....	64
2.2.3.3. Os satélites de proposição.....	68
2.2.3.4. Os satélites de ilocução.....	70
2.2.4. A ordem dos satélites.....	73
2.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ADVÉRBIOS TERMINADOS EM <i>-MENTE</i>	74

CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....77

3.1. ESPECIFICAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE.....77

3.2. TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS.....79

3.3. FATORES DE ANÁLISE.....80

CAPÍTULO 4: DESCRIÇÃO DOS ADVÉRBIOS TERMINADOS EM *-MENTE* NO PORTUGUÊS FALADO DO BRASIL.....88

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....88

4.1. OS ADVÉRBIOS EM *-MENTE* NAS DIFERENTES CAMADAS DA ESTRUTURA DA ORAÇÃO.....89

4.2. O TIPO DE SATÉLITE E SUA ORDEM NA ESTRUTURA LINEAR DA ORAÇÃO: RELAÇÃO ENTRE OS FATORES DE ANÁLISE.....93

4.2.1. O satélite de predicado.....93

4.2.2. O satélite de predicação.....102

4.2.3. O satélite de proposição.....111

4.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS.....120

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....124

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....132



INTRODUÇÃO

Adotamos, para a realização deste trabalho, o modelo de análise proposto pela Gramática Funcional (doravante GF), desenvolvida por Simon Dik (1989,1997) e seguidores, que parte do pressuposto geral de que o uso das expressões lingüísticas é determinado pelas condições reais de produção. A GF é, então, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica, a qual só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria da interação verbal. Dessa forma, nosso objetivo é descrever a colocação, na estrutura linear da oração, dos advérbios terminados em *-mente* no português falado do Brasil (PB), a partir da investigação dos aspectos pragmáticos, semânticos e sintáticos.

A bibliografia relativa à classe dos advérbios é extremamente heterogênea, conforme afirmam vários estudiosos como Hengeveld (1997), Ilari *et alii* (1990), Mackenzie (2001), Matos (2000).

A Gramática Tradicional (doravante GT) define os advérbios como palavras invariáveis que, junto dos verbos, expressam as circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal e, junto dos adjetivos, intensificam uma qualidade. Podem ainda enfatizar o sentido de outro advérbio e também modificar toda a oração (CUNHA, 1994).

Rocha Lima (1992) inclui os advérbios *felizmente* e *infelizmente* entre as palavras denotativas, alegando que indicam uma apreciação da pessoa que fala, como, por exemplo, em:

- (1) *Infelizmente*, a festa acabou.

As palavras terminadas em *-mente* são tradicionalmente classificadas como advérbios, embora não atendam a critérios tradicionais. De acordo com Ilari *et alii* (1990), o que determina a inclusão das palavras terminadas em *-mente* na classe dos advérbios é um critério puramente morfológico e não o caráter sintático, uma vez que podem modificar um numeral, ou o caráter nocional, pois nem sempre indicam circunstância ou modificação:

- (2) [a informante acaba de dizer que esperava ter muitos filhos e confirma]:
...*exatamente* nove ou dez
- (3) - [seus filhos são] filhos da tabela?
- não, *justamente* porque a tabela não deu certo é que [os filhos] vieram ao acaso
(ILARI *et alii*, 1990, p.46,47)

Com relação à colocação dos advérbios na oração, a GT considera que eles ocorrem depois dos termos integrantes do predicado nas orações que adotam a “ordem direta”, podendo, porém, ocupar outras posições no interior da oração.

Entre os estudos lingüísticos acerca da ordenação dos advérbios, destaca-se o trabalho de Ilari *et alii* (1990) cujos objetivos são i) tornar mais claras algumas noções indispensáveis à descrição dos advérbios e ii) especificar a ordem dos advérbios na sentença e o papel que desempenha.

Os autores propõem uma classificação para os advérbios de acordo com a sua função e o tipo de unidade sintática a que se aplicam. Quanto ao papel semântico, a



definição dos conteúdos afetados pelo advérbio é essencial. Dessa forma, nas palavras dos autores, “um corpo sistemático de observações a respeito dos conteúdos que um advérbio pode afetar é um obscuro objeto de desejo”, uma vez que somente quando se determina a expressão que esse constituinte toma como escopo é que se torna possível verificar a função sintática e a posição que ocupa.

Segundo esses autores, o escopo caracteriza-se como um conjunto de conteúdos afetados por algum operador; nesse caso o operador é o advérbio e os conteúdos são expressões que interagem com ele no co-texto. Os advérbios em *-mente* só podem ser incluídos no escopo da negação se forem interpretados como adjuntos de modo. Sendo assim, a delimitação de quais conteúdos podem ser afetados pelos advérbios terminados em *-mente* facilita a determinação da classe de advérbios em que eles se enquadram.

As subclasses resultantes da caracterização dos advérbios, feitas por Ilari *et alii* (1990), servem como base das regras sintáticas relativas à distribuição dos advérbios pelas posições na sentença. Os autores observam que a posição de cada tipo de advérbio não é aleatória e que o fato de o advérbio pertencer a uma classe funcional determinada permite até certo ponto prever em que posição será encontrado, uma vez que as diferentes classes de advérbios tomam como escopo diferentes classes de expressões em relação às quais se ordenam.

É importante destacarmos que Ilari *et alii* optaram por não aderir a nenhum modelo gramatical de análise, justamente pelas deficiências demonstradas por alguns modelos tradicionais ao abordarem o assunto e, também, pela pouca atenção que esses modelos dão à classe dos advérbios. Por esse motivo, o trabalho dos autores foi desenvolvido a partir de uma explicitação analítica de base intuitiva.



É inegável, no entanto, que o estudo desses autores é referencial no tratamento de advérbios. Dessa forma, ainda que levemos em consideração algumas de suas particularidades, destacamos que o trabalho aponta para a necessidade de reformulações com relação à organização das funções e das posições que os advérbios assumem na estrutura oracional.

Nossa proposta neste estudo é mostrar que as diferentes funções e tipos de unidade sintática desses constituintes, observados por Ilari *et alii* (1990), podem ser adequadamente descritos tomando-se como orientação a Teoria da GF, que propõe um modelo em camadas para explicar a oração.

Na estrutura de oração subjacente distinguem-se quatro camadas da organização formal e semântica: do predicado, da predicação, da proposição e da ilocução. Cada uma dessas camadas pode ser modificada por satélites, ou seja, constituintes lexicais, caracterizados, em termos gerais, como modificadores de núcleos não-nominais (HENGEVELD, 1997).

Nosso objetivo geral é apresentar uma descrição mais clara e mais completa dos advérbios em *-mente*, mostrando que as diferentes funções e tipos apontados por Ilari *et alii* (1990) correspondem, na verdade, aos diferentes tipos de satélites, propostos por Dik *et alii* (1990), que atuam nas diferentes camadas da estrutura de oração subjacente.

Como já observado pela literatura, inclusive por Ilari *et alii* (1990), os advérbios usufruem de certa mobilidade com relação à posição que podem ocupar na oração. Dessa forma, o outro objetivo desse trabalho é mostrar que há uma forte relação entre o tipo de satélite que o advérbio em *-mente* representa e a posição ocupada por ele na oração.

A perspectiva funcionalista, aqui adotada, considera que i) há uma relação não-arbitrária entre a estrutura da língua e suas regularidades, as quais podem ser entendidas



partindo da maneira como os falantes se comunicam, e que ii) as estruturas das expressões lingüísticas são configurações de funções, cada qual tendo uma significação na sentença.

Assim considerando, é também nosso objetivo estabelecer correlações entre os valores semânticos e pragmáticos desses advérbios e as posições que eles ocupam na oração, procurando verificar se há uma posição preferida para cada tipo de satélite, levando-se em conta os princípios de ordenação de constituintes propostos pela GF.

Nossa hipótese é a de que o tipo de satélite, que os advérbios em *-mente* representam na estrutura subjacente de oração, pode determinar as diferentes posições ocupadas na estrutura linear da oração.

Cabe ressaltar que foram excluídos da análise os advérbios *focalizadores*, os *intensificadores* e os *satélites de elocução* (*utterance satellite*) ou de nível 5, pelas razões que seguem.

Os *focalizadores* são elementos que modificam núcleos nominais, tais como *exatamente* em (4), que servem para chamar a atenção do interlocutor para parte da informação veiculada pela oração. É um instrumento gramatical de marcação da função pragmática Foco e não um constituinte opcional da oração.

- (4) (...) então nós vamos começar pela Pré-História... hoje **exatamente** pelo período... do paleolítico... a arte... no período paleolítico... o paleolítico é período período... da pedra lascada... como vocês todos sabem... não é?... (SP-405:02)

Já os *intensificadores* são elementos, como *altamente* em (5), que se comparam aos pronomes e adjetivos indefinidos, portanto, comportam-se mais como operadores gramaticais do que como constituintes oracionais. Esses advérbios têm valor de *muito*, *pouco*, *bastante*.

- (5) Olha a gente pode... hoje parece assim meio... incrível mas... hoje para nós... extremamente racionalistas e com um:... um aparelho conceitual **altamente** desenvolvido é MUITO difícil a gente desenhar estritamente o que a gente vê a gente separar a percepção...da... do conceito que nós fazemos do objeto.

(SP-405:362)

Os satélites de elocução (*utterance satellite*), por outro lado, representam os meios lexicais por meio dos quais o falante localiza seu enunciado dentro do contexto discursivo, restringindo o conjunto de perlocuções potenciais do enunciado, como pode ser observado em:

- (6) isso aí eu acho que esse ponto vocês... perceberam já num é? e **finalmente**... a terceira perspectiva... a filosófica... ou como nós colocamos... filosofia do direito... o que estuda? (EF-RE-339, p.9:15)

- (7) quando nós falamos em instrumentos de avaliação, fala-se também em níveis de consecução dos objetivos, a impressão que dava de que é que são dois assuntos muito dissociados, eu (es)tou falando, relacionando a elaboração de instrumentos de avaliação com níveis de consecução dos objetivos. (...) Qual seria a relação que vocês podem inferir, quando nós falamos, **inicialmente**, em instrumentos de avaliação e colocamos depois como seqüência da aula, níveis de consecução dos objetivos, porque isso? qual é a relação que vocês poderiam fazer aí?

(POA-278, p.2:7)

No contexto (elocução formal) em que ocorre *finalmente* em (6), a professora trata de três perspectivas sob as quais é possível “olhar” o direito: a sociologia, a psicologia e a filosofia. Após considerar as duas primeiras perspectivas, e antes de abordar a terceira, a professora situa, por meio de *finalmente*, o enunciado “vamos tratar agora da terceira perspectiva”, dentro do contexto discursivo. Pelo contexto da ocorrência de *inicialmente* em (7), também uma elocução formal, verificamos que a professora questiona os alunos sobre que relação há entre instrumentos de avaliação e níveis de consecução dos objetivos.

Porém esse assunto já havia sido tratado em momentos diferentes da aula, o que fez com que a professora utilizasse *inicialmente* para se referir às considerações feitas sobre “os instrumentos de avaliação” e *depois como sequência da aula* para se referir aos “níveis de consecução dos objetivos”. *Inicialmente* situa o primeiro argumento do contexto discursivo.

A exclusão desse tipo de satélite deve-se ao fato de que eles atuam fora do âmbito da oração, ultrapassando, portanto, os objetivos a que nos propusemos neste estudo.

O texto se apresenta em cinco capítulos. O capítulo 1, intitulado “Fundamentação Teórica”, apresenta os princípios da Teoria da GF de Simon Dik, que fundamenta nosso estudo.

No capítulo 2 “Advérbios na Literatura Lingüística” fazemos uma revisão bibliográfica sobre advérbios e apresentamos a proposta da GF com relação a esses constituintes.

No capítulo 3, intitulado “Procedimentos Metodológicos”, são descritos os métodos adotados para a realização do levantamento de dados e os fatores considerados para análise.

A apresentação e a análise dos resultados provenientes da investigação dos fatores significativos apresentados no capítulo anterior estão expostas no capítulo 4 “Descrição dos advérbios terminados em *-mente* no português falado do Brasil”.

A última parte do trabalho, “Considerações Finais”, traz uma discussão geral dos resultados obtidos em relação ao que foi proposto inicialmente.



CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. FUNCIONALISMO

Neves (1994a) afirma ser difícil um estudo global do que vem sendo chamado *funcionalismo* porque as abordagens ditas “funcionalistas” não são, em geral, identificáveis por rótulos teóricos, ligando-se apenas aos nomes dos estudiosos que as desenvolveram. Porém, é possível sintetizar o pensamento básico das teorias funcionalistas de acordo com Martinet (1978) que aponta a determinação do modo como as pessoas conseguem comunicar-se pela língua como objeto da verdadeira lingüística.

A questão básica de interesse em qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural é o pressuposto geral de que a língua é instrumento de interação social, com propósitos comunicativos. Assim, as expressões lingüísticas devem ser consideradas em circunstâncias efetivas de interação verbal e suas propriedades são codeterminadas pela informação contextual e situacional disponível aos interlocutores. As regras que governam a constituição das expressões lingüísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) são instrumentais em relação às que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões lingüísticas são usadas (regras pragmáticas). Para a perspectiva funcionalista, há uma relação não arbitrária entre a estrutura da língua e as suas

regularidades, as quais podem ser entendidas partindo da maneira como os falantes se comunicam.

Segundo Halliday (1978), as estruturas das expressões estão a serviço das funções ideacional, interpessoal e textual. É por meio da função ideacional que falante e ouvinte organizam e incorporam na língua sua experiência dos fenômenos do mundo interno da própria consciência. A função interpessoal está relacionada com o fato de o falante usar a linguagem como meio de participar do evento da fala, estabelecendo com o falante relações pessoais e sociais. A função textual está relacionada com a produção, criação do texto, com a organização interna do mesmo e da sua relação com o contexto.

De acordo com a GF, as estruturas das expressões lingüísticas são configurações de funções, cada qual tendo uma significação na sentença. Segundo Dik (1989), a produção das expressões lingüísticas, na interação social por meio da linguagem, depende de três fatores:

- i) da intenção do falante;
- ii) da sua informação pragmática;
- iii) da antecipação que ele faz da interpretação do ouvinte.

A interpretação do ouvinte, por seu lado, depende:

- i) da expressão lingüística;
- ii) da sua informação pragmática;
- iii) de sua conjectura sobre a intenção que o falante tenha tido



Acreditamos que o modo como o enfoque funcionalista desenvolve a análise da estrutura lingüística é bastante útil na descrição do comportamento dos advérbios em *-mente*, no português falado do Brasil. Dessa forma, mostraremos, a seguir, algumas particularidades do modelo de análise, a Gramática Funcional (GF), desenvolvida na Holanda por Simon Dik (1989, 1997) e seguidores.¹

1.1.1. Modelo de Interação Verbal

Com relação ao modelo teórico de Dik (1980, 1989), os componentes sintáticos e semânticos encontram-se integrados a uma teoria pragmática que, por sua vez envolve a intervenção:

- dos papéis envolvidos nos estados de coisas designados pelas predicções (funções semânticas);
- da perspectiva selecionada para apresentação dos estados de coisas na expressão lingüística (funções sintáticas);
- do estatuto informacional dos constituintes dentro do contexto comunicativo em que eles ocorrem (funções pragmáticas).

¹ Limitaremos nossas considerações sobre a GF de Dik aos pontos relevantes dessa teoria para a descrição dos advérbios em *-mente*.



Segundo Gerbrues (1984), o funcionalismo procura, a partir das necessidades pragmáticas da interação verbal, oferecer um quadro para a descrição da organização lingüística.

Dik (1989) propõe um modelo de interação verbal, representado na figura abaixo, com o objetivo de equacionar o papel da expressão lingüística na comunicação.

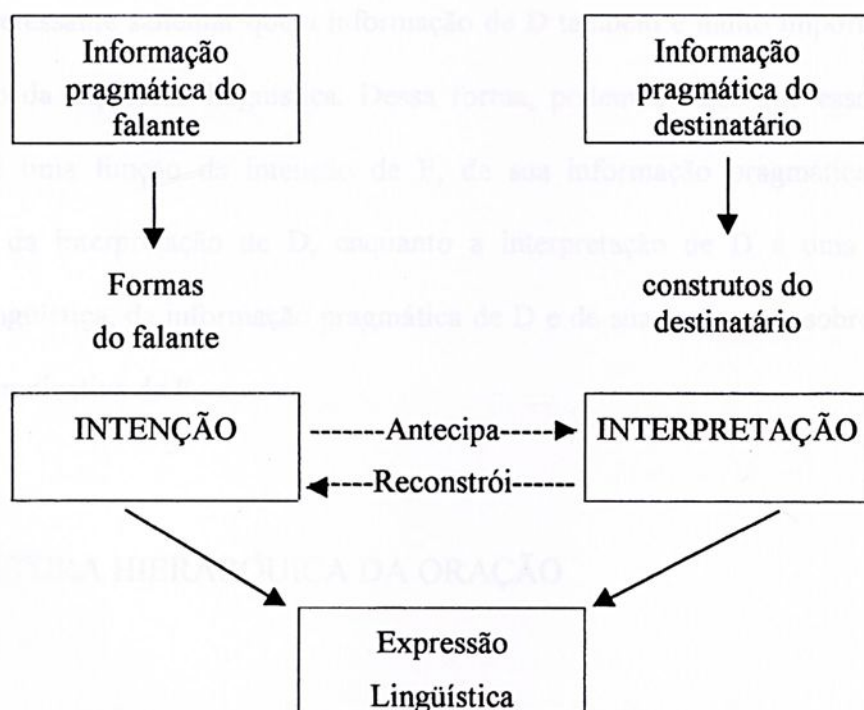


Figura 1: Modelo de Interação Verbal (DIK, 1989, p.8)

Nesse modelo, o Falante (F) e o Destinatário (D) dispõem de uma grande quantidade de informação pragmática (P). Assim, ao dizer algo para D, a intenção de F é efetuar alguma modificação em P(D). Para tanto, F deve ter algum tipo de intenção comunicativa, um tipo de plano mental concernente à modificação que deseja causar em P(D). O problema de F é formular sua intenção de modo que tenha uma chance razoável de levar à modificação desejada em P(D). Nesse sentido, F deve então antecipar a interpretação que provavelmente D deve atribuir a sua expressão lingüística, dado o atual

estado de $P(D)$. Essa antecipação requer que F tenha um quadro razoável das partes relevantes de $P(D)$, em outras palavras, uma avaliação de $P(D)$ é parte de $P(F)$. D , por outro lado, interpreta a expressão lingüística de F à luz de sua $P(D)$ e de sua avaliação de $P(F)$, tentando, assim, chegar à reconstrução da intenção comunicativa de F . Se D não chegar à interpretação comparável à intenção comunicativa de F , poderá haver, então um desentendimento entre os interlocutores.

É interessante salientar que a informação de D também é muito importante para a interpretação da expressão lingüística. Dessa forma, podemos dizer que essa expressão lingüística é uma função da intenção de F , de sua informação pragmática e de sua antecipação da interpretação de D , enquanto a interpretação de D é uma função da expressão lingüística, da informação pragmática de D e de sua conjectura sobre a qual é a intenção comunicativa de F .

1.2. ESTRUTURA HIERÁRQUICA DA ORAÇÃO

Como já salientado, a GF concebe a linguagem como um instrumento de interação social, isto é, não existe por si mesma. Sendo assim, para a GF, a principal função da linguagem é estabelecer a comunicação entre os interlocutores.

Na GF, que postula a integração dos componentes sintático, semântico e pragmático, a oração deve ser descrita em termos de uma *estrutura abstrata subjacente*, representada na *expressão lingüística* por meio de um sistema de *regras de expressão*, que determinam a forma, a ordem e o padrão de entonação dos constituintes presentes na estrutura subjacente. Assim, temos:



ESTRUTURA SUBJACENTE DA ORAÇÃO



REGRAS DE EXPRESSÃO



EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS

Figura 2: Etapas da descrição da oração (DIK, 1989, p.46)

A oração *eu lia histórias* constitui uma *expressão linguística*, uma entidade estruturada, ou seja, governada por regras e princípios que determinam sua formação. Toda oração tem uma estrutura subjacente, que consiste numa estrutura abstrata complexa em que se devem distinguir níveis ou camadas da organização formal, semântica e pragmática. Tais camadas são ordenadas hierarquicamente, correspondendo a uma certa função comunicativa.

ORAÇÃO	→	“ato de fala”
PROPOSIÇÃO	→	“fato possível”
PREDICAÇÃO	→	“estado de coisas”
PREDICADO	→	“propriedade/relação”
aplicado a TERMOS	→	“entidade/entidades”

Figura 3: Estrutura Subjacente da Oração (DIK, 1989, p.46)

A construção de uma estrutura subjacente requer primeiramente um *predicado* (que designa propriedades ou relações) que deve ser aplicado a um número apropriado de *termos* (que são usados para referir entidades). Assim, o predicado (*ler*) designa uma relação de dois lugares entre duas entidades nos papéis de “aquele que lê” e “a coisa lida”,

sendo assim necessariamente aplicados dois termos (*eu* e *histórias*). Os termos recebem as funções sintáticas de Sujeito e Objeto. Quando um conjunto apropriado de termos é aplicado a um predicado, tem-se uma *predicação nuclear*, que constitui o nível mais baixo, formado pelo predicado e seus argumentos (esses, geralmente, entidades de primeira ordem). A predicação designa um *estado de coisas* (EsCo), que indica que alguma coisa acontece num mundo real ou pode ser criado no “mundo mental” do Falante (F) e do Destinatário (D); é alguma coisa que ocorre em algum mundo, pode ser localizado no tempo e no espaço; pode ainda ter uma certa duração e ser visto, ouvido ou percebido de alguma forma, conforme demonstra (1):

(1) ler (eu) (histórias)

A essa predicação nuclear podem ser acrescentados *operadores* (π) e *satélites* (σ). *Operadores* são usados para capturar as modificações e modulações obtidas por meios gramaticais, tais como tempo, modo e aspecto; *satélites* são meios lexicais opcionais que veiculam informação a uma das camadas no modelo hierárquico da oração.

Os satélites são meios *lexicais* porque se opõem a categorias gramaticais, e *opcionais* porque podem ser retirados sem afetar a gramaticalidade da sentença. Eles veiculam *informação adicional* a uma das camadas no modelo hierárquico da oração, pois a informação principal pertencente a uma camada particular está contida na estrutura nuclear à qual o satélite é acrescentado.



A *predicação central*, vista em (2), constitui-se pelo acréscimo, à predicação nuclear de (1), de um operador de aspecto perfectivo e um satélite de nível 1 (σ_1), como *lentamente*:

- (2) Imper [[ler (eu)(histórias)](lentamente)]

Um elemento tal como *Imperfectivo* representa um meio gramatical para indicar um EsCo não acabado; já o satélite de Modo *lentamente* indica, como o próprio termo diz, o modo pelo qual a Ação expressa no EsCo acontece.

A predicação central pode ser expandida por operadores (π_2) e satélites de nível 2 (σ_2), e assim formar a *predicação estendida*, uma entidade de segunda ordem referente a um EsCo situado no espaço e no tempo concretos ou conceituais. A predicação central (2) pode ser expandida com o operador de tempo Pass e com um satélite de Tempo *antigamente*, como podemos observar em (3):

- (3) [Pass [imperf [[ler (eu)(história)](lentamente)]] (antigamente)]

Um elemento tal como *Pass* representa o meio gramatical utilizado para localizar o EsCo em um intervalo de tempo que precede o momento da fala (t_0), enquanto o satélite de Tempo *antigamente* especifica o tempo em que um certo EsCo ocorre. Como o satélite de Tempo escopa todo o predicado nuclear e a informação adicional expressa pelo satélite de Modo, sua inclusão cria uma *predicação estendida*.

Consideremos, agora, a seguinte forma de expressão lingüística:

- (4) Minha mãe sabia que eu lia histórias lentamente antigamente.

Em (4), podemos notar que a predicação “eu lia histórias lentamente antigamente” constitui o EsCo conhecido por *Minha mãe*, assim representado em (5):

- (5) Pass[saber (minha mãe)(e_i)]
 e_i = [Pass [imper [[ler (eu)(histórias)](lentamente)] (antigamente)]]

Nessa estrutura, e_i representa o EsCo que minha mãe sabe. Assim, toda predicação apresentada em (3) agora aparece como especificação deste EsCo, isto é, como segundo argumento de *saber*, sendo (*minha mãe*) o primeiro argumento. A predicação inteira que designa o EsCo “Minha mãe sabendo que eu lia histórias lentamente antigamente” está localizada no intervalo de tempo que precede pelo operador de predicação Pass. Vemos que predicações podem ser encaixadas na posição de argumentos de predicados mais altos. Tais predicações são chamadas *predicações encaixadas* e a predicação mais alta, predicação matriz.

Se tomarmos uma expressão lingüística como

- (6) Minha mãe acreditou que eu lia histórias lentamente antigamente.



notamos que, embora a predicação encaixada em (6) tenha a mesma forma da de (4), seu estatuto semântico é diferente, pois as coisas em que se pode acreditar não são EsCo, mas sim *proposições*, conteúdos proposicionais ou fatos possíveis. Assim, a predicação, que designa um EsCo, pode ser construída dentro de uma estrutura de ordem mais alta do que a predicação, que designa um conteúdo proposicional, um fato possível. Considerando o fato possível por X_i , temos a seguinte representação:

- (7) Pass[acreditar (minha mãe)(X_i)]
 X_i = [Pass [imper [[ler (eu)(histórias)](lentamente)] (antigamente)]]

Podemos dizer que *acreditar* toma uma proposição e não uma predicação como segundo argumento: X_i representa uma *proposição encaixada*.

Neste sentido, a estrutura representada em (3) é o *input* para a formação da proposição, isto é, de uma fato possível, uma entidade de terceira ordem, que pode ser avaliada em termos de seu valor de verdade e, opcionalmente, ser expandida por operadores proposicionais (π_3) e por satélites de nível mais alto (σ_3), tais como os atitudinais e os que especificam o grau de comprometimento do falante com o valor de verdade da proposição. Assim, a predicação em (3) pode ser expandida por um satélite como *infelizmente*, que expressa uma avaliação do conteúdo proposicional por F, podendo ser parafraseado por *Eu acredito não ser bom eu ler as histórias lentamente antigamente*. Assim (3) pode ser expandida como em (8):

- (8) [[Pres [Imperf [[ler (eu)(histórias)](lentamente)] (antigamente)](infelizmente)]

Se um falante produz uma expressão, ele tem de selecionar uma força ilocucionária básica para essa proposição, formando assim uma entidade de quarta ordem. A ilocução constitui uma instrução de F para D efetuar certas mudanças em sua informação pragmática. A força ilocucionária de uma expressão lingüística é efetuada por meio de operadores ilocucionários (π_4) e por satélites de nível 4 (σ_4). Aplicando-se o operador ilocucionário DECL e o satélite de ilocução *honestamente* em (8), teremos a seguinte estrutura de oração subjacente:

- (9) DECL [[[Pres [Imperf [[ler (eu)(histórias)](lentamente)] (antigamente)] (infelizmente)] (honestamente)]

Essa estrutura hierárquica da oração em camadas, com seus diferentes níveis de organização e suas respectivas variáveis, pode ser visualizada em (10):

(10)

Unidade estrutural	tipo de entidade	ordem	variável
ORAÇÃO	ato de fala	4	$E_i, E_j, \dots$
PROPOSIÇÃO	fato possível	3	$X_i, X_j, \dots$
PREDICAÇÃO	estado de coisas	2	$e_i, e_j, \dots$
TERMO	entidade	1	$x_i, x_j, \dots$
PREDICADO	propriedade/relação		$f_i, f_j, \dots$

Figura 4: Estrutura Hierárquica da oração (DIK, 1989, p.50)

O nível mais baixo em (10) pode assim ser visto como constituindo o *nível representacional* da expressão que trata da descrição de um EsCo obtido em algum mundo real ou imaginário ao qual o falante quer se referir. O nível mais alto em (10) pode ser

visto como representando o *nível interpessoal* o qual trata do modo como o falante apresenta a informação, concernente à situação referida, ao ouvinte. Com relação a essas camadas, Hengeveld (1997), afirma que:

(...) as camadas de níveis mais baixos estão completamente contidas dentro das camadas de níveis mais altos, tal que, por exemplo, a presença da camada proposicional implica a presença de uma camada predicacional. A distinção entre conteúdo proposicional e estado de coisas ou entre entidades de terceira e segunda ordens é de importância crucial (ver Lyons, 1977) dentro do modelo até aqui apresentado. Conteúdos proposicionais, isto é, pensamentos, opiniões e coisas semelhantes, são de natureza intencional. Eles existem apenas na mente do falante. Estados de coisas, isto é, eventos e estados são de natureza "extensional". Eles são parte do mundo externo descrito no ato de fala e existem caso sejam pensados ou não. (HENGEVELD, 1997, p.124)²

1.3. TIPOLOGIA DO ESTADO DE COISAS

Como já salientado na seção anterior, as predicções nucleares consistem em termos, que designam entidades do mundo, e de predicados, que designam propriedades de ou relações entre tais entidades. A predicação nuclear como um todo designa um conjunto de estado de coisas (EsCo), que é uma entidade conceitual, podendo ser de diferentes tipos, considerando-se a classificação semântica.

A natureza semântica de toda uma predicação pode ser co-determinada pela

² Cf. original: (...) layers of lower levels are fully contained within layers of higher levels, such that e.g. the presence of a propositional layer implies the presence of a predicational layer. The distinction between propositional contents and states of affairs, or between third and second order entities, is of crucial importance (see Lyons 1977) within the model just presented. Propositional contents, i.e. thought, opinions, and the like, are of an intensional nature. They only exist in the mind of the speaker. States of affairs, i.e. events, states, and the like, are of an extensional nature. They are part of the external world described in the speech act, and exist whether they are thought about or not.

natureza de seus argumentos e satélites com os quais o predicado combina. O EsCo é então uma função composicional de propriedades tanto de predicados quanto de termos.

Ocorre que alguns satélites combinam apenas com certos tipos de EsCo, como por exemplo, predicções com o traço mais dinâmico [+din] combinam com satélites de velocidade de nível 1, mas não com predicções com traço menos dinâmico [-din]. Certos satélites são sensíveis ao caráter mais ou menos controlado [+/- con] do EsCo que eles modificam. Tendo em vista que analisamos o comportamento dos advérbios em *-mente*, é interessante que identifiquemos os parâmetros semânticos do EsCo em que tais constituintes atuam.

A tipologia de EsCo, segundo Dik (1989) é definida a partir dos parâmetros semânticos abaixo:

+/- Dinâmico

Um EsCo [-din] ou Situação é aquele que não envolve qualquer mudança, ou seja, as entidades envolvidas são apresentadas como estando ou permanecendo as mesmas durante o tempo que o estado de coisa dura.

Um EsCo [+din] ou Evento é aquele que envolve necessariamente algum tipo de mudança, algum tipo de dinamismo interno. Podem ser várias tendências de mudança na duração do EsCo ou uma mudança em que há um EsCo inicial e EsCo final, diferente do inicial.

+/- Télico

Um EsCo [+tel] é o que, se for totalmente efetuado, alcança um ponto terminal natural, indica evento completamente acabado.



+/- Momentâneo

Situações e Eventos [-tel] são considerados como ilimitados quanto à duração. Os eventos [+tel] são limitados quanto à duração, duram até que se alcance o ponto terminal. Os eventos [+tel] podem ser [+mom] ou “pontual” ou [-mom]. Os [+mom] não têm duração – o início coincide com o ponto final. Já os [-mom] ocupam um certo espaço de tempo, apresentam um início e um fim distintos.

+/- Controle

Um EsCo é [+con] se o seu primeiro argumento tem o poder de determinar a realização ou a não-realização do EsCo. O primeiro argumento é o controlador do EsCo.

Os parâmetros descritos acima, portanto, definem os seguintes tipos de EsCo:

POSIÇÃO:	Situação [+con]: Ana guarda seu dinheiro no banco.
ESTADO:	Situação [-con]: O dinheiro de Ana está no banco.
REALIZAÇÃO:	Evento [+tel] [+con]: Ana correu a maratona em três horas.
ATIVIDADE:	Evento [-tel] [+con]: Ana estava lendo livros.
MUDANÇA:	Evento [+tel] [-con]: A maçã caiu da árvore.
DINAMISMO:	Evento [-tel] [-con]: O relógio estava batendo.
Podemos notar que:	Evento = Ação ou Processo
	Ação = Atividade ou Realização
	Processo = Dinamismo ou Mudança
	Situação = Posição ou Estado

O esquema abaixo ilustra melhor os tipos de predicação ou EsCo:



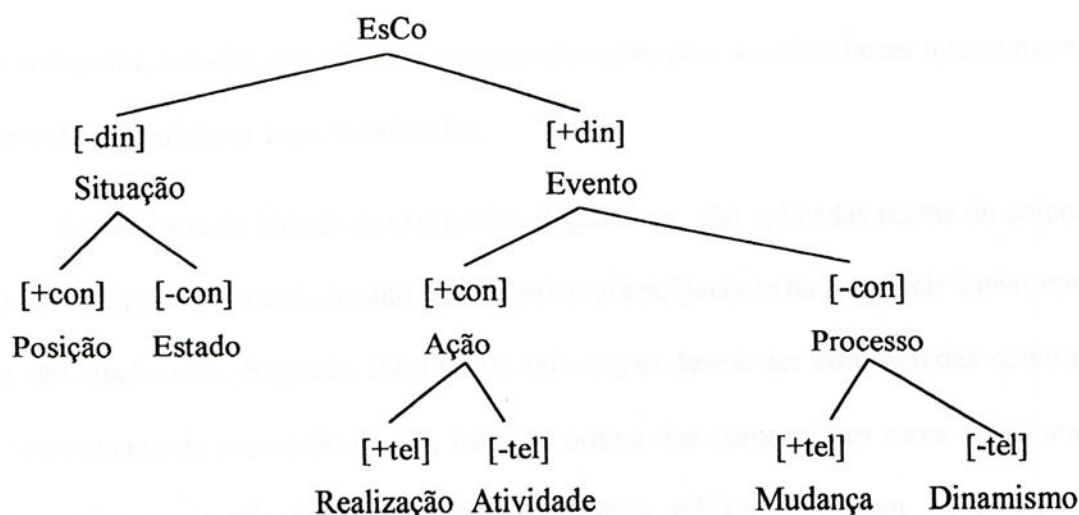


Figura 5: Tipos de Predicação ou EsCo (DIK, 1989)

Há ainda um último parâmetro:

Experiência

É um EsCo em que algum ser animado percebe, sente, quer concebe ou experiencia alguma coisa. Qualquer um dos EsCo pode ser [+exp] ou [-exp].

1.4. ORDENAÇÃO DE CONSTITUINTES

Um ponto relacionado à teoria da GF (DIK, 1989, 1991) relevante para este trabalho é a ordem linear dos constituintes na oração, uma vez que os advérbios em *-mente*, como veremos adiante, podem ocupar, na oração, diferentes posições que estão correlacionadas com os tipos de advérbio.

Para Dik (1989), a ordem de constituintes serve como um dos meios pelos quais relações e funções da estrutura subjacente de orações podem ser formalmente expressas.

Para a GF, as estruturas abstratas de frase subjacentes às expressões lingüísticas são não ordenadas, ou seja, não são diretamente relevantes para a ordem linear que aparece nas expressões lingüísticas superficializadas.

Assim, para se chegar às expressões lingüísticas, são aplicadas regras de colocação que atribuem posições aos constituintes da estrutura subjacente na seqüência linear em que eles são atualizados. Segundo Dik (1989), tais regras devem ser consideradas como parte do componente de expressão da GF, isto é, a ordem dos constituintes serve como um dos meios pelos quais relações e funções da estrutura subjacente podem ser formalmente expressas. Considerar regras de colocação como um mecanismo de expressão equivale a postular teoricamente a funcionalidade da ordenação de constituintes, de modo que ordens alternativas podem expressar certas distinções nas estruturas subjacentes.

Desse modo, a ordenação de constituinte não é uma propriedade profunda das línguas naturais, mas um mecanismo de expressão superficial que, em maior ou menor grau, pode ser empregado para codificar relações subjacentes em seqüências atualizadas. Esse princípio tem conseqüências relevantes, conforme Dik (1989):

i) não sendo uma propriedade profunda, as estruturas subjacentes das orações das diferentes línguas não diferem necessariamente na ordenação dos constituinte, o que adiciona uma validade trans-sistêmica para a noção de estrutura subjacente e para a adequação tipológica da teoria;

ii) não há razão para postular-se uma única ordem básica para uma determinada língua; o que há é a co-existência de diferentes padrões a serem usados em diferentes condições e para diferentes propósitos;

iii) não há uma separação entre línguas de ordem relativamente livre e relativamente fixa: nas chamadas línguas de ordem livre, sob o ponto de vista da GF, as regras de colocação veiculam uma carga funcional menor na expressão das relações subjacentes relevantes.

A idéia básica subjacente à visão que tem a GF da ordem de constituintes é a de que os padrões manifestos de ordenação de constituintes que se encontram nas línguas diversas resultam de três forças principais interagindo entre si com certo grau de tensão: (i) a preferência por manter constituintes com a mesma especificação funcional invariavelmente na mesma posição estrutural; (ii) a preferência por atribuir certas posições específicas - particularmente, a posição inicial da oração - a certas categorias gramaticais e a constituintes na função de Tópico ou de Foco; (iii) a preferência por uma ordenação de constituintes da esquerda para a direita conforme o grau crescente de complexidade categorial (a posição mais favorável a um pronome é antes de um SN e a de uma oração subordinada, após quase todos os demais constituintes).

Para dar conta de (i), a GF estabelece um ou mais padrões funcionais que definem as posições que podem assumir os constituintes de um estatuto funcional dado; para dar conta de (ii), adiciona certas "posições especiais" a esses padrões funcionais e fornece regras que especificam que tipo de constituinte pode ser colocado nessas posições especiais e sob que condições; já a preferência em (iii) se traduz em termos de princípios universais de ordenação (DIK, 1981).

Assim, a teoria de ordenação de constituintes da GF sustenta que cada língua tem um ou mais padrões funcionais, conforme o esquema geral em (11):



(11) P2, P1 (V) S (V) O (V), P3³

A partir das regras de colocação, os constituintes da predicação subjacente são inseridos em suas respectivas posições nesse esquema e nenhum movimento subsequente é permitido, uma vez que um constituinte tenha obtido sua posição na estrutura. P2 e P3 são posições que podem ser ocupadas, respectivamente, por constituintes com a função de Tema (*Theme*) e Antitema⁴ (*Tail*). Entre as vírgulas, que indicam pausas entonacionais, encontram-se os possíveis padrões que compõem a oração propriamente dita (predicação completa), em que os parênteses indicam a posição variável do constituinte V (verbo).

As regras de colocação determinam, em primeiro lugar, quais constituintes devem ou podem ir para a posição P1: verifica-se, primeiramente, se há algum constituinte-P1 na predicação, como *palavras-Qu*, *pronomes relativos* e *conectores subordinativos*. Se nenhum constituinte desse tipo estiver presente, então podem ser colocados na posição P1 constituintes com função pragmática de Foco, Tópico ou “Preparador de Cenário” (Stager), sendo essa última proposta por Hannay (1991) e Bolkestein (1998).

Dik (1989) postula que os padrões de ordenação de constituintes devem ser descritos e explicados em termos de princípios e preferências interatuantes e possivelmente competidores. Isso é o que se entende por uma teoria multifuncional de ordenação de constituintes, cujos postulados são:

³Para Pezatti e Camacho (1997), o padrão geral de ordenação para o português do Brasil é esquematizado por P2, P1 (S) V (S) O X, P3, em que o X é usado para indicar a posição dos satélites.

⁴A tradução do termo *Tail* por *Antitema* foi sugerida por Pezatti (1992).

- i) Os padrões de ordenação de constituintes encontrados nas línguas são resultantes de um número de princípios interatuantes.
- ii) Cada um desses princípios é em si mesmo natural e funcionalmente motivado.
- iii) Dois princípios, no entanto, não definem necessariamente a mesma preferência de ordenação: um princípio pode, por boas razões, preferir a ordem AB, enquanto outro pode preferir BA por razões igualmente boas.
- iv) Por conseguinte, nenhuma língua pode ajustar-se a todos os princípios de ordenação ao mesmo tempo e no mesmo grau.
- v) A solução para a ordenação de constituintes numa dada língua conterá, então, alguma acomodação que se caracterizará por um certo grau de tensão.
- vi) Mudanças na força relativa de diferentes princípios pode levar a mudanças, às vezes radicais, na ordenação de constituintes.
- vii) Se tais mudanças atenuam a tensão em relação a um princípio, podem, por outro lado, criar nova tensão com relação a outro princípio.

viii) Consequentemente não há solução definitiva e estável para o problema da ordenação de constituintes.

Segundo Dik, para se determinar os princípios que regem a ordenação de constituintes na sentença, devem distinguir-se diferentes domínios: o da oração como um todo, cujo núcleo⁵ é o predicado principal (tipicamente o verbo); o do sintagma nominal Dik (1989, *term phrase*), cujo núcleo é o primeiro restritor (tipicamente o nome) e o do sintagma adjetival, que tem como núcleo o adjetivo. Em cada domínio, a área antes do núcleo é denominada “Anteposição” (*Prefield*) e a posterior ao núcleo “Posposição” (*Postfield*).

Dik divide os princípios de ordenação de constituintes em gerais e específicos. Os princípios gerais são refletidos nos princípios específicos, que determinam, por sua vez, o padrão de ordenação de constituintes em línguas particulares. Os princípios gerais (DIK, 1989) são:

Princípio de Ordenação Icônica: a ordem reflete iconicamente o conteúdo semântico da expressão em que ocorre.

Princípio de Ordenação Linear: a ordem linear entre os constituintes dependentes é fixa, não importando a posição que eles ocupam com relação ao núcleo.

⁵ O núcleo é o constituinte central do domínio e é tomado como ponto de orientação para outros constituintes dentro desse domínio.



Princípio de Orientação Centrípeta: a ordem é determinada pela distância relativa dos constituintes em relação ao núcleo, o que pode levar à ordem “imagem em espelho” ao redor do núcleo.

Princípio de Integridade de Domínio: os constituintes preferem permanecer dentro de seu próprio domínio; os domínios preferem não ser interrompidos por constituintes de outros domínios.

Princípio de Proximidade do Núcleo: os constituintes nucleares de diferentes domínios preferem ficar juntos o quanto possível.

Princípio da Estabilidade Funcional: constituintes com a mesma especificação funcional são preferencialmente colocados na mesma posição.

Princípio de Relevância Pragmática: constituintes com função pragmática especial são preferencialmente colocados em “posições especiais”, geralmente a posição inicial da oração.

Princípio de Harmonia entre Domínios: cada língua tem um certo grau de consistência no uso ou de Anteposição e ou de Posposição ao longo dos diferentes domínios da ordenação.



Princípio de Complexidade Crescente: há uma preferência pela colocação de constituintes de acordo com a ordem de complexidade crescente.

Dik admite que, para alguns desses princípios, podem ser encontrados contra-exemplos reais ou aparentes; que certos fenômenos de ordenação de constituintes não podem ser explicados por esses princípios e que muitas complicações podem surgir como consequência da interação entre princípios em competição.

1.5. FUNÇÕES PRAGMÁTICAS

Como salientado, a posição P1 abriga palavras-Qu, pronomes relativos e conectores subordinativos e constituintes com função pragmática de Foco, Tópico ou “Preparador de Cenário” (*Stager*).

Segundo Dik (1989), coerente com o paradigma funcional, a GF é capaz de explicar as regras e princípios subjacentes às expressões lingüísticas em termos de sua funcionalidade com relação ao modo como são usadas.

Essa teoria considera que a relação entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte não é estabelecida, mas apenas mediada pela expressão lingüística. O significado que o falante (F) codifica na expressão lingüística não é idêntico à sua intenção e nem se iguala à interpretação final dada pelo ouvinte: apenas representa a informação necessária e suficiente que corresponde a determinadas intenções para determinadas interpretações, dentro da estrutura definida pela informação pragmática disponível aos interlocutores.



A composição da informação pragmática é compreendida de i) *informação de longo prazo*, referente ao mundo real e ao mundo possível ou imaginário; ii) de *informação situacional*, derivada do que os participantes percebem ou experienciam na situação em que a interação ocorre, e iii) de *informação contextual*, derivada das expressões linguísticas que são trocadas antes ou depois de qualquer ponto da interação verbal.

Geralmente a informação pragmática de F tem muito em comum com a informação pragmática de D. Ocorre que, no momento da interação, a informação pragmática de F inclui uma ‘teoria’ sobre a informação pragmática de D e vice-versa. Essa ‘teoria’ permite a F antecipar as interpretações de D sobre suas expressões, e a D, reconstruir a intenção de F.

Para que haja mudanças na informação pragmática de D, F atribui a determinados constituintes da oração funções especiais, de alguma forma marcadas, tornando-os elementos importantes para a interpretação adequada por parte de D. A GF (DIK, 1989) denomina tais funções pragmáticas intra-oracionais de Tópico e Foco.

Hannay (1991) e Bolkestein (1999) propõem uma terceira função pragmática que é a de “Preparador de Cenário” (*Stager*).⁶

1.5.1. Foco

O Foco, segundo Dik, é entendido como a informação mais importante em uma situação comunicativa, e considerada pelo falante como essencial para ser integrada à

⁶ Limitamos nossas considerações às funções de Foco e “Preparador de Cenário” (*Stager*), uma vez que em nossos dados não há ocorrências de advérbios em *-mente* com função pragmática de Tópico.



informação pragmática do ouvinte. Nesse sentido, a informação focal constitui o quadro de mudanças que o falante deseja efetuar na informação pragmática do ouvinte (adição ou substituição).

De acordo com Dik, o Foco pode ser marcado em qualquer parte da estrutura subjacente da oração: no predicado, nos operadores de predicado e de termo, e no termo sujeito. Souza (2004) verificou que o uso de advérbios constitui a principal estratégia de focalização utilizada pelo falante para destacar algum constituinte da oração, sem que para isso seja necessário alterar a sua ordem linear da expressão lingüística. Esse autor também constatou que o Foco no Português do Brasil, em geral, recai sobre um único constituinte da oração (complemento verbal, predicado, adjunto adverbial, etc) e, observando a relação entre o estatuto sintático do elemento focalizado e o estatuto informacional novo⁷, verificou que o complemento verbal é o elemento mais freqüentemente focalizado.

1.5.2. “Preparador de Cenário” (*Stager*)

A função pragmática de “Preparador de Cenário” (*Stager*), proposta por Hannay (1991) e Bolkestein (1998), e investigada por Cucolo (2002) em seu trabalho sobre o português falado do Brasil, tem como objetivo criar um cenário para que determinado EsCo ocorra. Ela não funciona como Tópico, nem como Foco, uma vez que dá as condições para um evento ocorrer, é, portanto, a preparação para determinada informação.

⁷ Segundo Prince (1981), o estatuto informacional pode ser classificado como *dado*, quando a informação trazida pelo constituinte já estiver presente no discurso (conhecida); *novo*, quando traz uma determinada informação ainda não apresentada na situação discursiva e textual; *inferível*, quando a informação for inferida a partir da situação discursiva. Já para Halliday (1985), a unidade informativa, normalmente é constituída por duas funções, o *dado* e o *novo*, definidas por ele em termos da recuperabilidade do ouvinte: o *dado* é recuperável pelo ouvinte porque é algo que já foi mencionado anteriormente na situação comunicativa; o *novo* corresponde àquilo que não é recuperável pelo ouvinte, pois é algo novo/inesperado.

Segundo Bolkestein (1999), certos satélites temporais, locativos e circunstanciais não têm a função apenas de responder a uma questão implícita concernente à localização, ao tempo e às circunstâncias do EsCo, mas criam um cenário ou palco para esse EsCo e o une ao mencionado anteriormente

Ainda, segundo o autor, os satélites com função de “Preparador de Cenário” podem não estar na focalidade de uma sentença, embora eles possam ser focais. Eles também não constituem o elemento particular acerca do qual o Foco principal carrega a informação mais saliente (ainda que eles possam ser tópicos, ou estar relacionados a elementos mencionados no discurso precedente como subtópicos).

Em uma oração que contém tais expressões, o Foco principal, geralmente carrega a informação com respeito a algum outro elemento topical na oração. Aplicadas as regras de P1, todos os demais constituintes da predicação assumem as respectivas posições estruturais, indicadas por S, O, V e outros símbolos possíveis, como X, usados especialmente para indicar posições de satélites.



CAPÍTULO 2

ADVÉRBIOS NA LITERATURA LINGÜÍSTICA

2.1. A CLASSE DOS ADVÉRBIOS

Antes de discutirmos a concepção da GF de Dik com relação a advérbio, faremos algumas considerações sobre o enfoque dado a essa classe na literatura lingüística.

As classificações tradicionalistas atribuídas aos advérbios são insuficientes, já que o componente sintático é eleito como critério central de análise (BONFIM, 1988; ILARI *et alii*, 1990). De acordo com a GT, o advérbio é um vocábulo modificador do *verbo*, do *adjetivo* ou de *outro advérbio*. Porém, apesar da aparente coerência classificatória, é possível encontrarmos algumas diferenças no tratamento dado a essa classe de palavras pelos gramáticos tradicionais. Cunha & Cintra (1985) e Bechara (2001) incluem um grupo de palavras à parte, as “Palavras denotativas”, tais como as que expressam *designação*, *exclusão*, *inclusão*, *realce*, *retificação* e *situação*, pois não apresentam as características dos advérbios.

Diante das deficiências demonstradas por alguns modelos tradicionais, Cunha (1985), reconhecendo a sua heterogeneidade, salienta que alguns lingüistas vêm tentando reanalisar a “classe dos advérbios”.



Monteiro (1985), em seu trabalho sobre alguns aspectos da adverbialização em português, levanta algumas *hipóteses* para a descrição dos elementos tradicionalmente considerados advérbios, a partir das quais determina alguns *pressupostos* para a classe dos advérbios, dentre os quais destacamos:

- a delimitação e o enriquecimento do componente semântico
- a correlação necessária entre aspectos sintáticos e semânticos
- a aceitação de que existe um *continuum* entre as diferentes classes e subclasses de palavras, que dificulta a decisão sobre a inclusão de elementos em uma ou outra classe

No trabalho referente à ordem dos advérbios no português, Ilari *et alii* (1990) tomam como universo de investigação o português brasileiro falado e propõem uma caracterização dos advérbios, passando por uma importante discussão sobre os problemas existentes na descrição gramatical dos advérbios no português culto.

Afirmando que a GT trabalha com inúmeros critérios mais ou menos válidos, esses autores exemplificam suas considerações com base em três critérios usados por gramáticos na conceituação corrente dos advérbios: o critério morfológico (palavra invariável), o critério sintático (palavra relacionada sintaticamente ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio) e o critério nocional (palavra que indica circunstância e modificação). De acordo com os autores, esses critérios são insuficientes para a classificação dos advérbios, uma vez que:



Na prática, o gramático defronta-se com inúmeros exemplos em que aqueles critérios levam a classificações conflitantes; e às dificuldades da aplicação dos próprios critérios a gramática tradicional tem acrescentado as de um tratamento até certo ponto inconseqüente, decorrente em grande parte da tentativa de associar de maneira constante à *palavra* certas propriedades que se confirmam apenas para algumas de *suas ocorrências*. (ILARI *et alii*, 1990, p.69).

Tomando como exemplo agora, aqui, lá, tradicionalmente classificadas como advérbios, Ilari *et alii* (1990) sugerem que, como palavras dêiticas, precisam ter um tratamento à parte, já que apresentam propriedades sintáticas e distribucionais muito particulares. Em muitos casos, tais palavras funcionam como marcadores ou organizadores do fluxo de informações, como mostram (1) e (2); podem, ainda, ter função argumental, como em (3):

(1) Mas a cadeia de supermercado *aqui* é do Recife

(2) Eu sei *lá* o que isso quer dizer.

(3) *Aqui* tem brisa marinha.

(ILARI *et alii*, 1990, p.71-2)

Um outro conjunto de palavras tradicionalmente classificadas como advérbios revisto pelos autores é o dos intensificadores: muito, pouco, bastante, mais. Embora sejam considerados advérbios (portanto, invariáveis) podem servir como argumento, além de aparecerem como determinantes no âmbito de um sintagma nominal complexo:



- (4) Eu pensei que ela fosse ter problemas [na escola] porque ela não fala *muito* ela fala *muito pouco* (ILARI *et alii*, 1990, p.73)

Ilari *et alii* (1990) consideram que existem palavras que não podem ser classificadas como advérbios porque não exprimem circunstância, tais como sim, não, apenas, inclusive, também, aliás, eis, mesmo. Assim, propõem uma classe chamada “advérbios de verificação”, uma vez que o locutor está de posse dos resultados de alguma verificação. Nela são incluídos advérbios como exatamente, justamente, particularmente.

Rocha Lima (1992) e Bechara (2001) indicam ainda a existência dos advérbios que se referem à oração inteira como em “*Felizmente* não choveu” (ROCHA LIMA, 1992). Ilari *et alii* completam essa idéia, propondo dois eixos sob os quais os advérbios são analisados: o sintático e o semântico.

No eixo sintático, os advérbios podem ser: **de constituinte**, quando estão relacionados a um dos constituintes da sentença (como em: O Brasil diz-se *basicamente* subdesenvolvido e diz-se também que ele está crescendo); **de sentença**, quando não se referem a nenhum constituinte em particular, mas à sentença como um todo (como em: *realmente*, deve ser maravilhoso ter uma família grande); **de discurso**, classe que ultrapassa os limites da sentença (como em: Quer dizer, somos de famílias grandes, e *então* acho que dado esse fator nos acostumamos a muita gente).

No eixo semântico, os advérbios podem ser **predicativos** ou **não-predicativos**. Os autores entendem que da mesma forma que o verbo ou o adjetivo atribuem uma ação ou uma propriedade ao sujeito, o advérbio predica uma propriedade da qualidade ou ação que se atribui ao sujeito. Estes são os “predicativos”. Os “não-predicativos” são os que a



representação como predicados de segundo grau é contra-intuitiva.⁸ A distinção entre estas duas classificações fundamenta-se na diferença dos papéis que os advérbios desempenham em relação à sentença, e não na possibilidade de se obter uma paráfrase que substitua o advérbios por um predicado. Para marcar essa diferença, *Ilari et alii* (1990, p.90) propõem:

- considerar o verbo ou adjetivo “em estado de dicionário”;
- refletir sobre sua definição lexical, chegando a um núcleo significativo;
- verificar de que modo esse núcleo significativo foi afetado pelo advérbio.

Entre os **predicativos** estão: os qualitativos (como: comer *bem*); os intensificadores (como: *mais* depressa, sofrer *mais*); os modalizadores (como: *Certamente*, a mulher sairá daqui); os aspectualizadores (como: *Normalmente*, eu acordo cedo). Os **não-predicativos** envolvem os de afirmação e negação (como: a mulher *não* saiu); os focalizadores (como: não, *justamente* porque a tabela não deu certo é que [os filhos] vieram ao acaso); os circunstanciais (como: *aí* depois tem natação segunda).

Com relação à ordenação dos advérbios, os autores concluem que a posição desses constituintes relaciona-se a alguns paradigmas definidos funcionalmente e correspondentes a várias propriedades de ordem sintática e semântica. Geralmente, para cada paradigma, há uma posição preferencial, sendo outras posições disponíveis por “deslocamentos” que obedecem à necessidade de precisar o escopo de advérbio (constituente, sentença ou

⁸ Os exemplos de advérbios predicativos são: chegar *bem*; falar *muito*; *autenticamente* brasileiros.
Os não-predicativos: chegar *aqui*, chegar *cedo*; *não* falar; melhorar a sinalização, *inclusive* vertical.



discurso), podendo ainda explicar-se por razões de informatividade ou de interesse discursivo. Tendo em vista que o mesmo advérbio pode expressar funções distintas, a posição depende, em cada caso, da função que o advérbio exerce ao mesmo tempo que contribui para identificar essa função.

No segundo volume da Gramática do Português Falado (1992), Possenti trata dos advérbios de *inclusão* e *exclusão*; Castilho & Moraes de Castilho responsabilizam-se pelos advérbios *modalizadores*; Ilari estuda os *focalizadores* e os *aspectuais*; Oliveira investiga os advérbios *qualitativos* e Neves estuda os *circunstanciais*.

Com relação a advérbios *focalizadores*, Ilari *et alii* (1990) afirmam que “chamam a atenção para o papel semântico de uma expressão próxima” ou “aplicam a algum constituinte um carimbo de ‘conferido’, sugerindo que o locutor está de posse dos resultados de alguma verificação”. Assim, são agrupados ao lado de advérbios que indicam inclusão ou exclusão, como *também* e *só*, por “darem destaque a um constituinte”.

Em um estudo posterior sobre focalizadores, Ilari (1992) salienta que uma expressão adverbial realiza uma operação de focalização quando aplicada a um segmento da oração, explicita que esse segmento fornece informações mais exatas, em decorrência de uma operação prévia de verificação que implica a comparação implícita com algum modelo ou parâmetro recuperável no co(n)texto. Nesse mesmo estudo, o autor distingue cinco tipos de focalizadores (verificação de número, verificação de proporção, verificação de coincidência com um protótipo, verificação de identidade ou congruência, verificação de factualidade).

Souza (2004) ao estudar os focalizadores, sob a perspectiva funcionalista, destaca que *exatamente* em (5) é caracterizado como focalizador por Ilari (1992) e Neves (2000), e como *marcador conversacional* por Poblete (1996). Com o auxílio do programa



PRAAT,⁹ o autor observa que, por haver uma pausa relativamente longa entre *exatamente* e o termo subsequente, ele é um marcador discursivo. Isso permitiu ao autor verificar outros casos em que *exatamente*, *justamente* e *inclusive* não são focalizadores, mas sim, marcadores conversacionais.

- (5) L2 e daí o entusiasmo para Nove filhos...
 L1 **exatamente** nove ou dez... (D2-SP-360:31)

Possenti (1992), em seu estudo sobre *também*, *inclusive*, *só* e *apenas*, respectivamente advérbios de inclusão, os dois primeiros, e exclusão, os dois últimos, verifica que essas palavras têm escopo definido, e sua posição depende estritamente dele. Como regra geral, essas palavras tendem a estar em posição adjacente ao escopo, com preferência para a posição anterior. Porém, nenhuma rigidez é percebida, podendo haver liberdade relativamente grande de posicionamento, que se realiza seja na colocação em posição posterior ao escopo, seja em posição relativamente distante dele.

Esse autor ainda comenta que os advérbios de inclusão e exclusão podem fugir do uso prototípico dessa classe. Apesar de parcialmente diferentes dos casos em que esses advérbios atuam nitidamente como focalizadores, *também* pode atuar como uma justificativa dentre outras possíveis a uma informação específica; *só* aproxima-se do seu uso mais comum de expressar exclusividade; *inclusive* pode justificar o ato do locutor ou a informação anterior dada por ele.

Oliveira (1992), ao investigar os qualitativos, verificou que nos advérbios qualitativos de adjetivo mantém-se a mesma ordem: o advérbio antecede o adjetivo (prova *bem* redigida). Com relação aos qualitativos de verbos, observou que esse constituinte

⁹ O programa PRAAT foi desenvolvido por Paul Boersma, da Universidade de Amsterdam, cujas ferramentas disponibilizadas permitem a obtenção de informações sobre frequência fundamental e possíveis variações de intensidade e duração dos elementos segmentais.



ocorre depois de um verbo intransitivo, entre o verbo e seu complemento (seja ele direto, indireto ou oracional), ou ainda, depois do complemento verbal. Esse autor ressalta dois fatos relevantes a respeito dos advérbios qualitativos: eles sempre ocorrem à direita do verbo que eles modificam e seu escopo se limita à sentença em que eles se encontram.

Os advérbios modalizadores foram pesquisados por Castilho & Moraes de Castilho (1992), que os distinguem em:

i) **epistêmicos**: expressam uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição (P). Estão subdivididos em:

- asseverativos: indicam que o falante considera o conteúdo de P verdadeiro, e o apresenta como uma asserção que não dá margem a dúvidas (*realmente, absolutamente, certamente*).

- quase-asseverativos: indicam que o falante considera o conteúdo de P quase certo, como uma hipótese que depende de confirmação, e por isso ele (o falante) não assume a responsabilidade sobre a verdade ou não da proposição (*talvez, provavelmente, possivelmente*).

- delimitadores: estabelecem os limites dentro dos quais se deve encarar o conteúdo de P, e podem ser substituídos pela expressão “do ponto de vista X, Y”. Apresentam uma força ilocucionária maior do que a dos tipos anteriores, pois deixam implícita uma “negociação entre os interlocutores”, necessária para a manutenção do diálogo (*humanamente, profissionalmente, praticamente, basicamente*).

ii) **deônticos**: indicam que o falante considera o conteúdo de P como um estado de coisas que precisa obrigatoriamente ocorrer. Não é o teor de verdade que está em jogo, mas sim o comportamento ou atitude que se espera do interlocutor (*obrigatoriamente, necessariamente*).

iii) **afetivos**: verbalizam as reações emotivas do falante face ao conteúdo proposicional, expressando a função emotiva da linguagem. Estão subdivididos em:

- **subjativos**: expressam uma predicação dupla, que reflete ao mesmo tempo uma opinião do falante diante de P e da própria proposição (*felizmente, curiosamente, espantosamente*).
- **intersubjetivos**: expressam uma predicação simples, assumida pelo falante em face de seu interlocutor, a propósito de P (*sinceramente, francamente, lamentavelmente*).

Com relação à posição ocupada pelos modalizadores, os autores tomam, como referência para suas conclusões, os advérbios que tiveram maior número de ocorrências: *realmente* (epistêmico asseverativo); *talvez* (quase-asseverativo); *quase* (delimitador); *necessariamente* (deôntico); *felizmente* (afetivo subjetivo) e *sinceramente* (afetivo intersubjetivo).

Os epistêmicos asseverativos, representados por *realmente*, e os delimitadores, representados por *quase*, ocupam preferencialmente as posições intra-sentenciais; já os quase-asseverativos, representados por *talvez*, as posições periféricas. Os modalizadores deônticos, representados por *necessariamente*, aparecem predominantemente em posições intra-sentenciais. Por fim, tanto os afetivos subjetivos como os intersubjetivos, representados, respectivamente, por *felizmente* e *sinceramente*, ocupam as posições periféricas.

Em seu estudo sobre os advérbios aspectuais, tais como *diariamente, às vezes*, Ilari (1992) destaca que o principal argumento para reconhecer a autonomia dessa classe é a existência de um tipo particular de restrição de co-ocorrência que envolve aspecto. Se observarmos o exemplo:



- (6) [o pai] não se desloca a um campo de futebol para levar o menino, então *geralmente* ele vai com o tio. (ILARI, 1993, p.139)

podemos afirmar que *geralmente* sofre restrições de co-ocorrência com o perfeito do indicativo, pois a construção “... então *geralmente* ele foi com o tio” soa estranha.

O autor mostra que os advérbios aspectuais interagem com características da oração que se relacionam direta ou indiretamente ao aspecto verbal. Ele distingue três classes de processos i) processos pontuais, incompatíveis com a idéia de duração; ii) processos duráveis, que evocam a idéia de “tempo gasto”, “tempo empregado”; iii) processos duráveis que evocam a idéia de “tempo escoado”, e identifica três grupos de aspectuais.

No primeiro grupo, incluem-se os adjuntos que, ao localizarem processos no tempo, selecionam processos de tipo de terminado. Cita como exemplo *recentemente* que só pode co-ocorrer com predicados pontuais.

No segundo grupo, incluem-se os aspectuais que, indicando duração, operam uma distinção principal entre tempo empregado, que respondem à pergunta “em quanto tempo?” (*em três semanas*) e tempo escoado, que responde a “por quanto tempo?” (*por três semanas*).

No terceira grupo, incluem-se os aspectuais que indicam reiteração respondendo à pergunta “por quantas vezes?” (*três vezes, muitas/poucas vezes, regularmente, periodicamente, diariamente*). É possível também fazer escolhas com relação à quantificação sobre ocasiões que podem ser i) quantificação sobre vezes (*sempre, toda vez, nunca, certa vez*); ii) proporcionalidade num universo de vezes (*normalmente, habitualmente, geralmente, na maioria das vezes*).

Neves (1992), pesquisando os advérbios de lugar e de tempo, conclui que eles constituem uma classe da qual podemos distinguir dois subconjuntos, o dos sintagmas fóricos e o dos sintagmas não-fóricos.

O caráter dêitico das categorias de tempo e de lugar se representa por i) *sintagmas fóricos* que recuperam informação, seja na situação, seja no texto, sendo possível que no próprio advérbio se faça a expressão fórica (isso eu estou fazendo *hoje*), ou ainda que a um advérbio, que expressa as relações semânticas de lugar e de tempo, se segue um complemento que manifesta o caráter fórico do sintagma (são considerados elementos-chaves... *dentro* da sua estrutura); ii) *sintagmas não-fóricos*, em que se fixam coordenadas para referência a um estado ou fato, mas não se provê instrução para a recuperação de informação no enunciado ou na situação de enunciação (moro *dentro* dum jardim).

A autora aponta ainda os traços semânticos dos advérbios de tempo e de lugar. Os primeiros indicam: i) *situação*, respondendo à pergunta “quando?”. Situação absoluta (momento ou período situado na escala do tempo). Referem-se a um momento ou período determinado da enunciação ou de outro ponto do enunciado (*agora, hoje, amanhã, anteriormente, atualmente*); ou não (*cedo* “na parte inicial”, *logo* “em tempo curto”, *sempre* “em todos os momentos”). Situação relativa (relação entre um período e outro). Referida a um momento da enunciação ou do enunciado (*novamente* “outra vez”, *simultaneamente* “ao mesmo tempo”); ou não (*antes* “em um período anterior”); ii) *duração*, período visto em sua duração. Referido a um momento da enunciação (*ultimamente, doravante*); ou não (*temporariamente, indefinidamente*); iii) frequência, repetição/não-repetição de momentos ou períodos. Essa indicação nunca é referida a um determinado momento (*anualmente, diariamente, freqüentemente*).

Os advérbios de lugar indicam: i) *situação*, lugar propriamente dito, podendo indicar posição absoluta (*aqui*), posição relativa (*fora* da cidade); ii) *percurso*, ou seja, por onde; iii) *direção*, de onde ou para onde. Segundo Neves, em português não há palavras advérbios de percurso e direção; usa-se para essas indicações o situativo ou um nome com o traço /lugar/ precedido da preposição atribuidora de caso (*dai prá frente, prá cá, de lá*).

Com relação aos advérbios de lugar, a classificação apresentada pela autora coloca no mesmo nível os advérbios que indicam locação de um evento (advérbio de situação), percurso e direção. No entanto, entendemos que os advérbios que indicam percurso e direção ocorrem sempre com verbos de movimento [+din] e incidem sobre o predicado, devendo, portanto, ser distinguidos dos de locação, que não ocorrem com verbos de movimento [-din] e incidem sobre o conjunto predicado-termo.

Ao distinguir as várias classes de advérbios, Ilari *et alii* (1990) separam os aspectuais, que indicam a frequência com que um evento se reitera, dos circunstanciais de tempo, que indicam o tempo em que um evento ocorre. Esquecidas as diferenças apontadas por Ilari (1992) ao estudar os aspectuais, e por Neves (1992) ao estudar os circunstanciais de tempo, parece incoerente tratar esses advérbios separadamente, já que ambos pertencem ao quadro temporal, ou seja, advérbios que localizam um evento no tempo.

Essas são algumas razões que apontam para a necessidade de maiores investigações e possíveis reformulações quanto à classificação dos advérbios sugerida por Ilari *et alii* (1990).

Como veremos a seguir, as questões levantadas por Ilari e demais lingüistas sobre a classe de advérbios podem, se não totalmente pelo menos parcialmente, ser explicadas tomando-se a proposta da GF, principalmente a de Dik *et alii* (1990), que se mostra mais



abrangente, uma vez que especifica melhor as funções semânticas dos advérbios, relacionando-as em grupos, produzindo, assim, diferentes subclasses desses constituintes.

2.2. ADVÉRBIOS NA GRAMÁTICA FUNCIONAL

Observamos que a GT fornece informações que podem direcionar o entendimento da classe dos advérbios, sem esclarecer questões importantes referentes a esses constituintes, como, por exemplo, a questão dos advérbios que não escopam um constituinte, mas a oração, ou ainda, o ato de fala. Ela se limita a observar exemplos prototípicos de advérbios que têm como escopo o verbo, ignorando as ocorrências de advérbios que denotam opinião do falante diante da proposição ou uma atitude deste em relação ao que será dito. Dessa forma, estudos como os de Ilari e dos demais linguistas fornecem uma visão mais ampla e abrangente dessa classe, levando em consideração o “uso” que se faz desses constituintes.

A distinção entre advérbio de constituinte, advérbio de sentença e advérbio de discurso, proposta por Ilari *et alii* (1990) corresponde, na GF, ao nível de atuação dos satélites. Assim, apresentamos, a seguir, o tratamento dado aos constituintes adverbiais, definidos como satélites, na GF, perspectiva teórica adotada neste trabalho.

2.2.1. Advérbios

A classe dos advérbios é considerada extremamente heterogênea por vários estudiosos (HENGEVELD, 1997; ILARI *et alii*, 1990; MACKENZIE, 2001; MATOS, 2000). Em um artigo dedicado especialmente aos advérbios, Hengeveld (1997) considera



que essa classe é pouco estudada na teoria funcionalista. Dessa forma, o autor parte da definição sintática de advérbio como um modificador lexical de um núcleo não-nominal.¹⁰

O autor expande essa definição delimitando três aspectos:

i) Um advérbio é um *modificador* no sentido em que ocupa um lugar sintático não-obrigatório e também depende da presença de um elemento que ocupe o lugar obrigatório de um núcleo não-nominal.

ii) A exigência de que advérbios sejam elementos *lexicais* exclui, da definição, modificadores de núcleo não-nominal construídos sintaticamente.

iii) A definição de advérbios como modificadores dos *núcleos não-nominais* os distingue dos adjetivos, os quais modificam núcleos nominais. Núcleos não-nominais podem ser de vários tipos, desde elementos lexicais, tal como o núcleo adjetival em (7), até sentenças completas, como em (8):

(7) *an extremely intelligent boy*
 um garoto *extremamente* inteligente

(8) *Frankly, I don't like you*
 Francamente, eu não gosto de você.

(HENGEVELD, 1997, p.122)

¹⁰ Hengeveld 1992a, 1992b.



Hengeveld ainda afirma que os advérbios, representados por *even*, *only* e *mainly* (até, só e principalmente) seriam mais bem caracterizados se fossem entendidos como partículas de foco ou advérbios de foco,¹¹ conforme exemplificado em (9):

- (9) L2 na minha casa por exemplo... se como verdura... eu como... minha mulher não come... meus filhos adoram... **principalmente** o guri... agora o brasileiro... em princípio eu acho que come muito mal... (D2-POA-291:14)

Há elementos que modificam núcleos nominais ou sintagmas nominais, tais como o advérbio focalizador *principalmente* em (9), que tem como escopo *o guri*.

Também há advérbios que modificam núcleos adjetivais, como *extremamente* em (10), que tem como escopo *visual*. Advérbios como *extremamente*, que se comparam aos pronomes e adjetivos indefinidos, são classificados como *advérbios intensificadores*. Esses têm valor de *muito*, *pouco*, *bastante*.

- (10) nós vamos ver... que inclusive é *uma arte extremamente visual*... em que sentido?... (SP-405:324)

Dik (1997) reconhece três categorias de predicado: nomes (N), verbos (V) e adjetivos (Adj). Segundo esse autor, elas são distinguidas em função de suas propriedades funcionais, que são operacionalizadas com base nas respectivas posições de cada categoria na representação subjacente das mesmas. Hengeveld (1992a, 1992b), por outro lado, destaca que há quatro categorias de predicado, os três citados por Dik e o advérbio: Verbo, Nome, Adjetivo, Advérbio.

¹¹ A respeito dos advérbios focalizadores no português do Brasil, ver Souza (2004).



De acordo com Mackenzie (2001), a noção de advérbio defendida por Hengeveld se limita ao advérbio de modo, já que, segundo Hengeveld (1992a), ele modifica o predicado principal. Para Mackenzie, essa definição cria um problema conceptual, uma vez que o “advérbio de modo” não identifica um subconjunto de formas no inglês, mas invoca um uso particular de certos advérbios. Para esse autor, os elementos que de fato constituem advérbios são os representados pelas formas “aqui”, “ontem” e “hoje”, pois não se originam de outras formas, como acontece com os advérbios terminados em *-mente*, que são derivados das formas adjetivais.

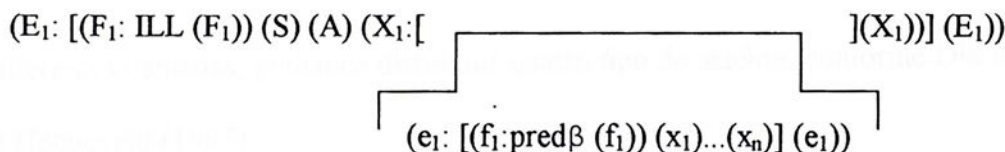
2.2.2. A Estrutura Hierárquica da Oração na Gramática Funcional e os Advérbios

Como já salientado, na GF, a oração deve ser descrita em termos de uma estrutura abstrata subjacente,¹² que é semântica e pragmaticamente baseada em estruturas universalmente aplicáveis. Uma vez totalmente especificadas, as estruturas subjacentes são traduzidas em expressões lingüísticas reais, por meio da aplicação de um conjunto de regras de expressão específico de uma língua. Dessa forma, semântica e pragmática estão claramente separadas da sintaxe, da morfologia e da fonologia. A organização básica da representação¹³ dessa estrutura em camadas, hierarquicamente ordenada, modificada por Hengeveld (1997), pode ser vista na Figura 6:

¹² Sobre a construção de uma estrutura subjacente, conferir o capítulo 1, na seção 1.3. “Estrutura hierárquica da oração”.

¹³ Essa representação, que deu uma base semântica à estrutura da GF, é inspirada em Foley & Van Valin (1984).





Variável	Designação	Ordem	Unidade Lingüística
(E ₁)	Ato de fala	4	Enunciado
(X ₁)	Conteúdo proposicional	3	Proposição
(F ₁)	Ilocução	0	Força ilocucionária
(e ₁)	Estado de coisas	2	Predicação
(x ₁)	Indivíduo	1	Termo
(f ₁)	Propriedade/relação	0	Predicado

Figura 6: A estrutura hierárquica da oração na GF (HENGEVELD, 1997, p.124)

Cada uma das unidades lingüísticas dessa estrutura em camadas pode ser modificada por operadores e satélites. Operadores são elementos abstratos que representam distinções semânticas por meios gramaticais. Satélites representam modificações expressas por meios lexicais. Todos os tipos de satélites têm funções que são características do nível em que operam.

Hengeveld (1997) considera que, dada a definição de advérbios como modificadores lexicais de núcleos não-nominais, eles podem ser interpretados, em termos da GF, como elementos lexicais ocupando um lugar de satélite.

2.2.3. Tipologia dos Satélites (σ)

Na GF, satélites são meios lexicais opcionais que veiculam informação a uma das camadas no modelo hierárquico da oração, ou seja, a estrutura em camadas dispõe de diversas unidades funcionais às quais satélites podem estar ligados. Dadas as funções das

diferentes camadas, podemos distinguir quatro tipo de satélite, conforme Dik *et alii* (1990) e Hengeveld (1997):

Camada hospedeira	Tipo de satélite
Ilocução	Satélites ilocucinários (σ_4)
Proposição	Satélites de proposição (σ_3)
Predicação	Satélites de predicação (σ_2)
Predicado	Satélites de predicado (σ_1)

Quadro 1: Tipos de satélite (DIK *et alii*, 1990, p.28)

2.2.3.1. Os Satélites de Predicado (σ_1)

Os *satélites de predicado* (σ_1), ou de nível 1, representam os meios lexicais que especificam propriedades adicionais do conjunto de EsCo designado por uma predicação nuclear. Os seguintes subtipos podem ser distinguidos em três quadros:

i) Participantes adicionais:

- *Beneficiário*: é a pessoa ou instituição para a qual o benefício do EsCo é efetuado.

- (11) ... nós íamos encontrar marcas aqui de que flechas reais foram atiradas ... **contra a imagem**... então esta seria uma das razões... a Segunda razão seria o fato de que....
(EF-SP-405:239)¹⁴

¹⁴ Os exemplos foram extraídos do corpus mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado, excetuando-se os casos em que não encontramos ocorrências respectivas aos subtipos de satélites.

- *Companhia*: especifica uma entidade junto com a qual o EsCo é efetuado.

- (12) ...eu tenho ido toda terças-feiras no programa que aparece no sábado... então é um grupo que estão fazendo uma promoção do Laranjal então eu vou **com eles** é inCRível o que acontece lá... (DID-SP-234:190)

- *Instrumento*: especifica o instrumento com o qual alguma Ação ocorre ou uma Posição é mantida.

- (13) bom... ao tesoureiro compete evidentemente... toda a situação financeira(...)... e fazer um levantamento contábil inclusive da situação **através de um script...** (DID-RE-131:126)

- *Causa Interna*: especifica a entidade apresentada como causadora do Processo.

- (14) a outra citação é a su a citação de Duckheim... essa talvez até vocês conheçam... **através de Ester...** é uma citação... para levantar assim num é? o humor de vocês... quanto ao direi:to... é a citação que mostra... a importân:cia... do fenômeno... do direi:to... do fa:to jurí:dico... vou ler para vocês tam:bém na página dezessete... (EF-RE-337:402)

ii) Meios e maneiras:

- *Modo*: indica a maneira pela qual uma Ação acontece, uma Posição é mantida, ou em que um Processo é efetuado.

- (15) L2 as minhas finanças andam muito bem... eu acho que todo sujeito que que trabalha e: tem uma profissão no Brasil ele tem uma chance tão grande de ganhar dinheiro que pra mim não tem problema... o meu problema é o seguinte... é que eu desprezo **totalmente** o dinheiro (D2-RJ-355:45)



- *Velocidade*: indica o montante de Ação ou Processo que corre por unidade de tempo.

- (16) quer dizer eu tive pouco tempo eu estudei acho que uns três anos balê três ou quatro... e não tive assim apresentação em teatros nem nada... depois eu larguei mas nessa vez que o Balê Russo veio para cá que nós fomos fazer fundo com eles para eles... eu achei aquilo me chocou ... sei lá eu achei... por detrás dos bastidores uma coisa medonha uma baGUNça treMENDa... aquelas cenas que eles mudam **rapidamente** quer dizer é um assunto de agente trabalhar né? ... e atrapalhar também... (DID-SP-234:285)

- *Qualidade*: designa o papel/função/autoridade em virtude da qual uma Ação ocorre ou uma Posição é mantida.

- (17) Doc olhe o senhor poderia falar já que trabalha no Sindicato dos... Comerciários **na: qualidade de: dentista...** o senhor poderia falar quais os serviços que o Sindicato presta... aos seus:...

L1 segurados

(DID-RE-131:1-2)

iii) Orientação Espacial:

- *Origem*: designa o ponto de origem do movimento.

- (18) ...o que acontece é o seguinte hoje em dia...prá você ir por...nós vamos por exemplo todo do a Camaçari...já é hoje em dia uma viagem...é assunto mesmo de::...de::... praticamente a gente não sair da cidade mas...viaja que não é brinquedo hoje mesmo eu fiz uma viagem **daqui** prá Camaçari ...que parecia que eu tinha ido quase a::...Feira de SanTana...devido ao/ à incidência de tráfego que existe...devido exatamente ha: às interrupções que existem na cidade...de buracos escavações...de::...enfim de interrupÇÕES de toda ordem... (D2-SSA-98:4)

- *Direção*: designa o ponto terminal do movimento.

- (19) ...o que acontece é o seguinte hoje em dia...prá você ir por...nós vamos por xemplo todo doa a Camaçari...já é hoje em dia uma viagem...é assunto mesmo de:...de:... praticamente a gente não sair da cidade mas...viaja que não é brinquedo hoje mesmo eu fiz uma viagem daqui **prá Camaçari** ...que parecia que eu tinha ido quase a:...Feira de SanTana...devido ao/ à incidência de tráfego que existe...devido exatamente ha: às interrupções que existem na cidade...de buracos escavações...de:...enfim de interrupÇÕES de toda ordem... (D2-SSA-98:4)

- *Percurso*: designa a orientação do movimento.

- (20) L2 qual é o pior...horário...dessa saída da cidade...de manha?
 L1 bom...o pior horário...de saída...da cidade de manha...
 L2 fica mais ou menos entre SEis e oito horas né?
 L1 não de seis ainda sai bem...mas entre sete...até umas:oito e meia...é a pior...hora de saída...primeiro porque você pega o congestionamento na área urbana ainda...desde a Barra Centenário essa área de colégios etc...e **daí prá frente** você vai pegando...a:...a Barros Reis um pedaço da Barros Reis hoje Heitor Dias né?...e: há muita... (D2-SSA-98:12)

Hengeveld (1997) comenta que os satélites de predicado podem ser divididos ainda com respeito à natureza do predicado que eles modificam, que pode ser verbal (21), adjetival (22), ou adverbial (23):

- (21) That boy played *clumsily*.
 Aquele menino jogou *desajeitadamente*.

- (22) That boy is *extremely* clumsy.
Aquele menino é *extremamente*¹⁵ desajeitado.

- (23) That boy played *incredibly* clumsily.
Aquele menino jogou *inacreditavelmente* desajeitadamente.¹⁶

(HENGEVELD, 1997, p.126)

O autor acrescenta ainda que essas três subclasses de advérbios exercem a função de predicados que restringem a variável do sintagma de predicado; têm, desse modo, posição de argumento inserido dentro do predicado.

2.2.3.2. Os Satélites de Predicação (σ_2)

Os *satélites de predicação* (σ_2), ou de nível 2, representam os meios lexicais que localizam o EsCo designado por uma predicação em um mundo real ou imaginário e assim restringem o conjunto de referentes potenciais da predicação à(s) situação(ões) externa(s) que o falante tem em mente. Os seguintes subtipos podem ser distinguidos dentro de quatro quadros.

i) Quadro Espacial:

- *Locação*: designa o lugar onde um certo EsCo ocorre.

¹⁵ Consideramos que advérbios como *extremamente* são intensificadores, segundo Ilari *et alli* (1990).

¹⁶ Ainda que reconheçamos a estranheza dessa tradução para o português, preferimos mantê-la para que fique clara a possibilidade de o predicado, modificado por um satélite, ser adverbial.



- (24) gostei muito de 'Hair'...AI achei fabuloso...cenário de 'Hair' uma m:: MARavilha faz tempo que eu assisti logo que começou eu fui...achei um cenário uma coisa ah Ótima de::antes de 'Hair' eu assisti um outro uma outra peça na **Aliança Francesa**...bom também não recordo o nome mas foi uma peça muito comentada...eu acho que foi até nós lá no Rio na Praia Vermelha tem um restaurante com o nome...também não lembro o nome (DID-SP-234:63)

ii) Quadro Temporal

- *Tempo*: especifica o tempo em que (do qual, até o qual) um certo EsCo ocorre.

- (25) mas eu acho que o teatro **hoje em dia** está::está indo para um caminho eh tão TANTo palavra tanta...((risos))...é um negócio né? (DID-SP-234:46)

- *Duração*: especifica o tempo de duração em que certo EsCo acontece.

- (26) então normalmente...eu como muito é...verduras...e carne sabe? tanto pela manhã quanto pela noite...e assim **durante a noite**...quando eu como muita coisa que tenha engordado --alimentos assim que engordam...bata::ta...macarrão::pão::-- quando eu por um acaso...tiver comido isso de manhã...à noite então eu faço um::um balanço...e procuro tirar as coisas (DID-RJ-328:13)

- *Frequência*: especifica o número de vezes em que um certo EsCo ocorre.

- (27) eu gosto mais de laranja eu gosto de qualquer tipo de fruta mas como muito laranja chupo muito laranja tangerina...maçã é uma fruta que **constantemente** eu como quando eu quero levar assim uma merenda que eu vou passar a maior parte do tempo na rua aí eu geralmente eu levo maçã... (DID-RJ-328:656)

iii) Quadro relativo a outro EsCo:

- *Circunstância* (simultaneidade): especifica um EsCo que ocorre simultaneamente com o EsCo referido na predicação principal.



- (28) e então cada qual quer fazer melhor que o outro arrumar mais brindes né... quando o pessoal entra já vai recebendo uma sacola cheia de coisas né?... coisas que eles conseguem e tem muito sorteio lá **durante o jantar** e tem... sorteio () e prêmios bons de viagem às vezes tem... tem fogão... (DID-POA-45:34)

- *Causa Externa*: especifica um EsCo cuja ocorrência instiga a ocorrência do EsCo referido na predicação principal.

- (29) L1 quer dizer somos de famílias GRANdes e::...então ach/ acho que::...dado esse fator nos acostumamos a::muita gente
 L2 ahn ahn
 L1 e::
 L2 e daí o entusiasmo para NOve filhos...
 L1 exatamente nove ou dez...
 [
 L2 ()
 L1 é e::mas...depois **diante das dificuldades de conseguir quem me ajudasse...**nó::s paramos no sexto filho... (D2-SP-360:33)

- *Condição*: especifica um EsCo do qual depende a ocorrência de um outro EsCo.

- (30) então **através: de um consenso ou de um denominador comum...** ele possa tomar: uma decisão sere:na equânime justa tranquila... e ao mesmo tempo... estar em paz: com sua própria... consciência (DID-RE-131:165)

iv) Quadro cognitivo

- *Propósito*: fornece uma motivação para a ocorrência de um EsCo¹ [+con] ao especificar um futuro EsCo² que o controlador deseja realizar por meio do EsCo¹.



(31) Ana correu para a estação **para (ela própria) pegar o trem.**

- *Razão*: fornece a causa da realização de um EsCo [+con] em termos de um motivo atribuído ao controlador.

(32) então realmente eu não tenho muita oportunidade de fazer exercício...todo tempo que eu tenho é tomado nas minhas atividades eu num tenho/ eu até gostaria até de fazer ginástica...n/ nas férias geralmente eu faço ginástica pra evitar...justamente manter o tempo todo sentada...mas então eu...procuro **por causa disto**...controlar mais a alimentação...e uma vez por semana assim eu me dou o luxo de comer doces...sabe? ou outras coisas assim que engordem mais... (DID-RJ-328:49)

Alguns satélites de predicação, conforme salienta Hengeveld (1997), podem especificar probabilidades de ocorrência de um evento (WANDERS, 1993):

(33) One *hardly* finds a topic that gives rise to more confusion.
Difícilmente se encontra um assunto que dá margem a mais confusão.
 (HENGEVELD, 1997, p.129)

O advérbio *difícilmente* pode ser parafraseado por *quase nunca* indicando, assim, a frequência em que o EsCo ocorre. Porém, tal advérbio, no contexto acima, também admite a paráfrase *eu não afirmo categoricamente que nunca* “se encontra um assunto que aumenta muito a confusão”. Por entendermos que essa segunda paráfrase representa uma avaliação do falante diante da proposição, *difícilmente* pode ser também classificado como satélite de proposição, sobre o qual trataremos a seguir.

2.2.3.3. Os Satélites de Proposição (σ_3)

Os *satélites de proposição* (σ_3), ou de nível 3, tratam daqueles meios lexicais por meio dos quais o falante especifica sua atitude subjetiva com relação ao conteúdo proposicional que ele apresenta em um ato-de-fala. Tais satélites dividem-se em:

i) Atitude Proposicional (Atitudinais): representam os mecanismos lexicais por meio dos quais o falante avalia (parte do) o conteúdo proposicional que ele apresenta em um ato-de-fala. Dependendo da parte da proposição com que eles se relacionam, esse grupo de satélites pode ser classificado em:

- *orientado para o conteúdo*: expressam as modalidades evidencial e subjetiva (ou atitudes proposicionais).

(34) se põe uma pimenta malagueta, por exemplo, eu não gosto que pode **evidentemente** ultrapassa(r) assim o gosto da média (D2-POA-291: 123)

- *orientado para o evento*: relaciona-se ao evento cuja referência é feita dentro do conteúdo proposicional.

(35) então **necessariamente** houve essa interpretação que nós vamos chamar, essa análise que nós vamos chamar de interpretação (EF-POA-278: 221)

- *orientado para o participante*: relaciona-se aos participantes no evento cuja referência é feita dentro do conteúdo proposicional processado no ato-de-fala.



- (36) toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar **necessariamente** ligada a esta preocupação (EF-SP-405:101)

ii) Validade da Proposição

- *Fonte*: especifica uma terceira parte apresentada como sendo responsável pela informação contida no conteúdo proposicional:

- (37) **Para alguns autores** existe diferença
(EF-RE-337:108)

- *Evidência*: especifica um EsCo cuja ocorrência fornece a evidência em que se baseia o conteúdo proposicional.

- (38) **Dada a sua ausência nos últimos dias**, ele provavelmente foi a Roma afinal.

- *Motivação*: especifica um fato que dá suporte a outro fato representado pelo conteúdo proposicional do ato-de-fala.

- (39) **Pedro está na casa de Ana, porque o carro dele está do lado de fora.**

- *Condição*: apresenta a verdade de uma proposição como condição suficiente para a verdade de uma outra proposição.



(40) **Se Ana ficar**, Pedro sairá

Uma outra classe de satélite, segundo Hengeveld (1997), que pode indicar um argumento proposicional é representada pelos advérbios de ponto-de-vista (QUIRK *et alli*, 1985; WANDERS, 1993), exemplificado em (41):

(41) *Architecturally*, it is a magnificent conception.
Arquitetonicamente, é uma idéia magnífica.

(HENGEVELD, 1997, p.130)

O advérbio *arquitetonicamente* é classificado, segundo o proposto por Castilho & Moraes de Castilho (1992), como um delimitador, ou seja, advérbio que estabelece os limites dentro dos quais se deve encarar o conteúdo da proposição.

2.2.3.4. Os Satélites de Ilocução (σ_4)

Os *satélites de ilocução* (σ_4), ou de nível 4, representam os meios lexicais por meio dos quais o valor ilocucionário da oração pode ser especificado ou modificado; modificam, portanto o ato-de-fala e não o EsCo referido no ato-de-fala. Esses satélites podem ser referir a:

i) Participantes Adicionais

- *beneficiário do ato-de-fala*: especifica a pessoa em cujo interesse o ato-de-fala é executado.



(42) **Para o seu próprio bem, fique longe dele!**

ii) Modo do Ato-de-fala: indicam o modo como o ato-de-fala é realizado.

- *orientado para o falante*

(43) **Na verdade, eu tinha isso.**

- *orientado para o ouvinte*

(44) **Honestamente, você falou com ele?**

- *orientado para o ato-de-fala*

(45) **Em resumo, isso não serve para nada.**

iii) Cenário Comunicativo do Ato-de-fala

- *Razão*: fornece a motivação para o porquê do ato-de-fala.

(46) **Já que você está interessado, Ana é professora.**

- *Condição*: especifica a condição para a felicidade do ato-de-fala.



(47) Ana saiu, **caso você não tenha ouvido**.

- *Tempo*: especifica a posição do ato-de-fala em uma série.

(48) **Pela última vez**, dê-me isso!

Hengeveld (1997) insere uma quinta categoria de satélite, representada pelo satélite de elocução (*utterance satellite*), ao modelo hierárquico da oração.

Os satélites de elocução (σ_5), ou de nível 5, representam os meios lexicais por meio dos quais o falante localiza o enunciado do falante dentro do contexto discursivo, restringindo o conjunto de perlocuções potenciais do enunciado, como pode ser observado em:

(49) *Briefly*, I see no reason to go on like this.
Em resumo, não vejo razão para prosseguir assim.

(HENGEVELD, 1997, p.131)

Em (49), *em resumo* indica que uma série de argumentos está resumida. Assim, esse advérbio pode ser interpretado apenas em termos de uma grande extensão do discurso, dentro do qual eles situam o enunciado que eles modificam.

2.2.4. A Ordem dos Satélites

Podemos observar em (50), a relação de escopo entre os satélites e a possível ordenação em que eles ocorrem na oração (HENGEVELD, 1997). Salientamos que essa ordem pode ser alterada.

- (50) *Finally* (σ_5), your mother *honestly* (σ_4) *probably* (σ_3) has been slandering *terribly* (σ_1) *again* (σ_2).
Finalmente (σ_5), sua mãe *honestamente* (σ_4) *provavelmente* (σ_3) tem estado caluniando *terrivelmente* (σ_1) *novamente* (σ_2).¹⁷

(HENGEVELD, 1997, p.134)

A ordem dos três advérbios, precedendo o predicado principal (*finalmente*, *honestamente* e *provavelmente*), reflete as relações de escopo entre eles, conforme se pode notar na representação subjacente. O mesmo acontece com os dois outros advérbios, que seguem o predicado principal, o advérbio de modo (*terrivelmente*) está mais próximo do predicado principal e seguido pelo advérbio de frequência (*novamente*).

O esquema abaixo apresenta os diferentes tipos de satélites localizados na estrutura subjacente da oração.

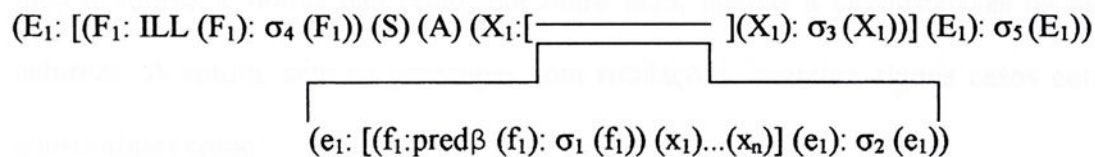


Figura 7: Satélites (HENGEVELD, 1997, p.125)

¹⁷ Mantivemos a tradução, ainda que a estrutura da oração e a classificação de *terribly* como advérbio de modo sejam estranhas para o português, para que fique exemplificada a relação de escopo entre os satélites e a possível ordenação em que eles ocorrem na oração.

Verificamos que tanto o satélite ilocucionário (σ_4) como o satélite de elocução (σ_5) tem sob seu escopo o ato ilocucionário (E_1), enquanto o satélite proposicional (σ_3) atua apenas sobre a proposição (X_1).

Ressaltamos que os advérbios em *-mente* podem atuar sobre as cinco camadas explicitadas acima. Portanto, exercem funções semânticas distintas, o que nos leva a fazer algumas considerações sobre tais constituintes.

2.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ADVÉRBIOS TERMINADOS EM *-MENTE*

Os advérbios de modo são considerados os representantes mais legítimos da classe de advérbios. Entre os advérbios de modo apontados pelas gramáticas tradicionais, estão, como grupo mais numeroso, os terminados em *-mente*, que são formados a partir de adjetivos. Porém, os próprios gramáticos tentam contornar os problemas desta generalização, propondo classificações alternativas como “palavras denotativas”, advérbios de “negação”, “afirmação” ou “dúvida” para esses advérbios.

Bomfim (1988) afirma que muitas dessas palavras em *-mente* não são de fato modificadores, e outras não estão, por outro lado, ligadas a circunstâncias de nenhuma natureza. A autora, sem se preocupar com rotulações, examina alguns casos com esses constituintes como:

(51) *Realmente* o dia está lindo.

(52) *Certamente* ele virá.

(53) *Absolutamente* não quero isso.

Segundo a autora, nos três casos predomina o aspecto subjetivo, os dois primeiros exemplos representam uma confirmação do emissor sobre a declaração e o terceiro é uma negativa reforçada. A presença ou ausência dessas palavras não alteram nem o processo verbal, nem o enunciado, já que elas expressam a opinião do falante, o que significa que a autora tem uma intuição correta a respeito dessa subclasse ainda que não tenha se arriscado a fornecer uma classificação para ela.

Com relação aos intensificadores em *-mente*, Bomfim afirma que eles perderam bastante os traços semânticos dos adjetivos, a ponto só indicarem a intensificação positiva ou negativa (*imensamente* feliz; *vagamente* audível). Em alguns casos podem expressar uma crítica do falante (*terrivelmente* cruel).

Ainda de acordo com a autora, em advérbios como *atualmente*, *antigamente* e *futuramente*, as idéias de presente, passado e futuro são expressas por afinidade semântica com o adjetivo e dão a idéia de tempo e aspecto. Já em relação a *frequentemente*, o que se expressa é uma idéia de repetição e não localização no tempo.

Não se pode negar a natureza restritiva de certos advérbios em *-mente*, como no exemplo dado por Bomfim, que pode ser parafraseado por *do ponto de vista moral*:

(54) as pessoas *moralmente* fracas são indecisas



A autora conclui destacando que, por influência do sufixo *-mente*, as fileiras do grupo de advérbios vêm sendo engrossadas com bom número de intensificadores ou outros vocábulos de natureza subjetiva, na maior parte, modalizadores.

Moraes de Castilho (1989) ao investigar os advérbios em *-mente* a partir do quadro classificatório de Ilari *et alii* (1990), verificou que esse constituinte se distribui entre todos os predicativos (modalizadores, qualitativos, aspectualizadores, intensificadores) e os não-predicativos (focalizadores, circunstanciais, conjuntivos). Dessa forma os advérbios em *-mente* podem aparecer nos vários paradigmas (advérbios sentencias, intra-sentenciais, discursivos, etc), assumindo as funções características de cada um. Isso nos permite caracterizar tais constituinte como multifuncionais, o que nos motiva a investigá-los.



CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. ESPECIFICAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

Neste trabalho, que adota a teoria da GF de Dik (1989, 1997), propõe-se a descrição do comportamento, com relação à colocação na estrutura linear da oração, dos advérbios terminados em *-mente* no PB a partir da investigação dos aspectos pragmáticos, semânticos e sintáticos interligados ao uso desses constituintes adverbiais.

Levando em conta que a camada e o tipo de satélite estão fortemente relacionados, objetiva-se especificar os tipos semânticos dos satélites em *-mente*. Assim, pretendemos estabelecer correlações entre os valores semânticos e pragmáticos desses advérbios e as posições que eles podem ocupar na oração. Em outras palavras, nosso estudo pretende não só investigar a ordenação do advérbio em *-mente*, ainda que seja este o objetivo principal, como também especificar os papéis semânticos que ele exerce, uma vez que as diferentes funções correspondem às diferentes posições. Isso nos possibilitará verificar se há uma posição preferida para cada tipo de satélite.

O universo da investigação é constituído pelo corpus mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado, que é composto de uma seleção de 15 inquéritos coletados pelo Projeto da Norma Urbana Culta (NURC)/Brasil, gravados com informantes cultos



procedentes das cidades de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Para o desenvolvimento deste projeto, a amostragem se baseará nos três tipos de inquéritos, como aparecem organizados por Castilho & Preti (1986 e 1987) e Preti & Urbano (1988) em três volumes, referentes cada qual a três tipos de manifestação de registro culto: Diálogos entre dois Informantes (D2), SP-360, RJ-335, RE-05, POA-291, SSA-98; Diálogo entre Informante e Documentador (DID), SP-234, RJ-328, RE-131, POA-45, SSA-231; e Elocuções Formais (EF), SP-405, RJ379, RE-337, POA-278, SSA-49.

O DID e o D2 constituem, respectivamente variantes estilisticamente mais coloquiais, sendo o D2 o que detém o maior grau de informalidade. O EF é a variante mais formal. Podemos correlacionar esses três tipos de discurso a tipos de interação: enquanto nas aulas e conferências (EFs) e nos diálogos entre informantes e documentador (DIDs) não há possibilidades simétricas de troca de turno, nos diálogos entre dois informantes (D2s) essa possibilidade existe, o que os aproxima das conversações espontâneas.

Para garantir um conjunto representativo de dados, foram tabuladas todas as orações que apresentam advérbios terminados em *-mente*. Como já salientado, no levantamento das ocorrências, não foram incluídos os advérbios *focalizadores*, por constituírem um mecanismo de chamar a atenção do interlocutor para parte da informação veiculada pela oração e não uma informação adicional da predicação. Os *intensificadores* também aqui não foram considerados por se compararem aos pronomes e adjetivos indefinidos, com valor de *muito, pouco, bastante*, sendo assim operadores de termos e não constituintes opcionais que veiculam informação adicional a uma das camadas da oração. Por fim, desconsideramos os satélites de elocução (*utterance satellite*) (σ_5) porque, por serem meios lexicais por meio dos quais o falante localiza o enunciado do falante dentro

do contexto discursivo, restringindo o conjunto de perlocuções potenciais do enunciado, sua atuação é fora da oração.

Em cada ocorrência, apresentam-se especificações quanto ao tipo, ao local de origem e ao número do inquérito e ainda o número da linha em que se encontra a ocorrência. Para os inquéritos que não foram publicados, especificou-se o número da página do inquérito em que se encontra a ocorrência. Tais especificações estão exemplificadas, respectivamente, em (1) e (2):

(1) (EF-RJ-379:19)

(2) (D2-RE-05, p.1:6)

3.2. TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS

A vocação naturalmente empírica deste trabalho implica a necessidade de levantamento quantitativo, com especial relevância para frequências percentuais dos fatores mais significativos para a análise dos advérbios em *-mente*.

Por isso usa-se o processamento dos dados eletrônico, empregando-se, para tal, alguns programas do pacote estatístico VARBRUL - Variable Rule Program (Sankoff, 1975), idealizado, inicialmente, pela sociolinguística quantitativa, para a análise de fenômenos variáveis, mas que se adapta ao tratamento de outros objetos de estudos, permitindo julgar a significação estatística das distribuições de frequência e a tabulação cruzada entre dois fatores relevantes.



3.3. FATORES DE ANÁLISE

A análise das ocorrências de advérbios terminados em *-mente* foi realizada com base em fatores significativos. Tendo em vista que nosso objeto de pesquisa não constitui um fenômeno variável, no sentido sociolinguístico do termo, a noção de “fatores” é utilizada apenas como instrumento de trabalho e descoberta, com a finalidade de que os dados sejam analisados sob os mesmos critérios qualitativos. Os fatores selecionados são justificados a seguir.

Levando em consideração que as *funções* que os advérbios desempenham são bastante diferenciadas da função genérica de *modificação* atribuídas a eles pela Gramática Tradicional, a verificação do escopo tomado pelo advérbio torna-se essencial para se explicar a contribuição semântica dos advérbios em *-mente*. Assim, o fator **tipo de satélite** tem como objetivo verificar em que camada esse constituinte atua e se há preferência por alguma delas.

Os tipos de satélites dizem respeito a:

i) características adicionais do EsCo (σ_1):

- (3) ...a gente vai pensar no homem do paleolítico superiOR... como um homem que ainda não conseguiu se organizar **socialmente** nem politicamente...
(EF-SP-405:60)

ii) à localização do EsCo (σ_2):

- (4) L1 há uma preocupação **modernamente** em dar melhor tratamento possível à sinalização...inclusive à sinalização vertical (D2- SSA-98, p.7:42)



iii) à atitude do falante ou sua avaliação frente ao conteúdo proposicional (σ_3):

- (5) o que é uma taxionomia, por que um professor deve conhecer uma taxionomia e utilizá-la, não que **necessariamente** ele precise saber que neste momento o aluno está desenvolvendo um processo de análise, mas ele precisa, ao planejar, ao prever as suas atividades no seu trabalho docente (EF- POA-278, p.3:12)

iv) ao caráter do ato de fala (σ_4):

- (6) **sinceramente**¹⁸... não consegui... não consegui entender (D2-SP-62:1369)

A análise da **posição** ocupada pelo satélite na oração justifica-se pelo interesse em verificar se cada tipo de satélite tem preferência por uma posição, ou seja, investigar a ordenação dos advérbios em *-mente*, objetivo principal deste trabalho. O esquema de ordenação linear de constituintes na oração, conforme proposto por Dik (1981), é P2, P1 (V) S (V) O (V), P3. No entanto, no decorrer da investigação da posição dos satélites, constatamos que, no português brasileiro falado, há a necessidade de outras posições para abrigarem constituintes opcionais. Dessa forma, baseado no esquema de Dik acima citado, tomamos para análise o esquema de ordenação P1 1 2 S 3 V 4 O 5 6 PF,¹⁹ sugerido por Pezatti²⁰ (comunicação pessoal) a partir de suas investigações sobre a ordem de constituintes.

P1: posição inicial, que, na GF, abriga constituintes-Qu e constituintes com função pragmática de Tópico ou Foco, como exemplifica (7), em que *futuramente* ocupa a P1, com a função pragmática de Foco. Na GF, essas funções pragmáticas só são atribuídas a constituintes da camada da predicação e nunca a constituintes da camada proposicional.

¹⁸ No corpus mínimo do PGPF não encontramos advérbios em *-mente* atuando na camada da ilocução. Essa ocorrência é extraída dos materiais do Projeto NURC.

¹⁹ S indica Sujeito, V, Verbo e O Objeto.

²⁰ Pezatti, desde a sua Tese de Doutorado (1992), pesquisa a ordem de palavras em português. Ver Referências Bibliográficas.

- (7) nós estamos diariamente ensaiando... através da socialização como obedecer a ordenamentos não jurídicos... e **SÓ futuramente** como diz Carbonier... é que nós: entramos num *é?* para compreender e obedecer... um fenômeno do direito...

(EF-RE-339, p.12:30)

Posição 1: posição entre a P1 e a posição 2, como exemplificado por *geralmente* em (8), colocado depois do constituinte-Qu *porque* e antes do satélite de predicação *naquela primeira avaliação*.

- (8) *porque... geralmente naquela primeira avaliação...* eu co:bro um pou:co... esse aspecto
(EF-RE-339, p.4:12)

Posição 2: posição entre a posição 1 e o Sujeito (ou primeiro argumento), como ilustrado por *naquela primeira avaliação* em (8).

Posição 3: posição entre o Sujeito e o Verbo (ou seja, imediatamente antes do predicado, seja ele verbal ou nominal), conforme exemplificado na ocorrência (9), em que *basicamente* ocupa a posição 3, entre o Sujeito e o Verbo. Nesse exemplo o advérbio está entre a cópula e *guerra* que funciona como predicado.

- (9) quer dizer o ideológico influencia, mas o econômico é a base inclusive (e) a formação de ideologia(s), então a Segunda Grande Guerra foi **basicamente** uma guerra de ampliação de mercados, ou de conquistas de mercados por parte de quem?
(EF- RJ-379:132)

Posição 4: posição entre o Verbo e o Objeto (ou segundo argumento) ou imediatamente após verbo monovalencial. Em (10a), *diretamente* ocorre na posição 4, entre o Verbo *falam*

e o Objeto *com a pessoa*. No exemplo (10b), o satélite *condignamente* ocorre depois do verbo monovalencial *viver*.

(10a) L2 é muito sigiloso né? então aí eles falam **diretamente** com a pessoa... e:: não dizem no nome de quem (D2-SP-360:1076)

(10b) não é o problema de querer trabalhar, eu por mim trabalhava na Escola de Belas Artes se o salário que me pagassem na Escola de Belas Artes me desse pra co... viver **condignamente** (D2-RJ-355:362)

Posição O: posição de Objeto. É possível que o advérbio em *-mente* seja colocado dentro de constituintes, como exemplificado por *realmente*, em (11), que se encontra no Objeto *condições de verem muitos doentes*.

(11) então a aula prática é muito mais interessante do que a aula teórica...então eles têm condições realmente de verem muito doentes...viu?... (DID- SSA-231:222)

Posição 5: posição depois do Objeto. *Normalmente*, na ocorrência (12), posiciona-se imediatamente depois do Objeto *café com leite*.

(12) Doc você disse que você:: gosta de :: (sempre procurar) mas o su café:: você reduz o café... cê toma...

L1 é... de manhã eu tomo café com leite **normalmente**

(DID-RJ-328:296)



Posição 6: essa posição só é ocupada quando a posição 5 se encontra preenchida por satélites ou do mesmo nível mas com função semântica distinta, ou de outro nível, como ilustrado em (13): os satélites de modo *com outros olhos e com os nossos critérios... de beleza... e os nossos critérios de valor estético* ocupam a posição 6, visto que o Objeto *essa obra* posiciona-se imediatamente após o verbo *ver* e é seguido pelo satélite de nível 2 *hoje*, que ocupa a posição 5.

- (13) ... a gente vê essa obra hoje **com outros olhos com os nossos critérios... de beleza ... e os nossos critérios de valor estético**²¹... eles têm... esse valor também a gente pode ver segundo critérios... além daquele pelo qual foi criado... (EF-SP-405:295)

PF: última posição, tendo sido preenchidas as posições 5 e 6. O satélite de predicação Propósito *A fim de que possa... ver: todos os seus problemas resolvidos*, em (14), ocorre em PF, já que a posição 5 está preenchida pelo satélite de proposição *evidentemente* e a posição 6 pelo satélite de predicação Causa Externa *por não dispor de conhecimento*.

- (14) quando um empregado sai de uma firma... ele deve procurar o seu sindicato... buscando exatamente... no departamento jurídico ou na consultoria jurídica... aqueles elementos... que ele não dispõe evidentemente... inclusive *por não dispor de conhecimento... a fim de que possa... ver: todos os seus problemas resolvidos* (DID-RE-131, p.7:11)

O fator **valência verbal** (V1), (V2) e (V3) foi selecionado com o intuito de verificar se o número de argumentos envolvidos na predicação e sua posição na ordenação linear da oração podem, de alguma forma, influir na posição ocupada pelo satélite. Os exemplos (15), (16) e (17) representam, respectivamente, esses verbos:

²¹ Os dados não mostram advérbio em *-mente* ocupando a posição 6 e a PF, por isso esse constituinte não foi usado nos exemplos (13) e (14).



- (15) L1 é nós fazemos um tipo de frequência...né?...fazemos provas...finais não temos prova mensal só temos a prova final do curso...porque **geralmente** os estágios são em pouco tempo...então dois três meses (DID- SSA-231:729)
- (16) VEJAM, dentro de um esquema (a) economia americana como nós vimos é muito mais fácil...pelo menos em termos de análise econômica, não é?, você ter uma distribuição da produção mais **facilmente**, porque todos setores são desenvolvidos...do que num num tipo de país tipo o Japão... (EF- RJ-379:386)
- (17) então anualmente o governo... estabelece... os chamados... reajustes... salariais o governo por exemplo paga aos seus funcionários **normalmente** um reajuste salarial... no mês de março... (DID- REC-13, p.4:33)

Em (15) o verbo *ser* é monovalencial (V1) pois exige apenas o Sujeito *os estágios* que é o primeiro argumento (A1); em (16) o verbo *ter* é bivalencial (V2) uma vez que exige o A1 *você* e o Objeto *uma distribuição da produção* que é o segundo argumento (A2). Já em (17) o verbo *pagar* exige o A1 *o governo*, o A2 *um reajuste salarial* e um outro Objeto *aos seus funcionários* que é o terceiro argumento (A3), sendo assim trivalencial.

O objetivo da inclusão do fator **tipo de oração** é verificar se as orações independentes ou subordinadas podem influir no tipo de satélite e em sua posição. Foram consideradas orações independentes as orações absolutas, as coordenadas e as orações principais, conforme a Gramática Tradicional. As orações *antigamente eu achava mais fácil* (18) e *que eu considero realmente de grande valia* (19) são exemplos de orações independentes e subordinadas, respectivamente:

- (18) L1 (...) **antigamente** eu achava mais fácil...porque o estudante...eram:...mais tímidos... (DID- SAL-231:685)



- (19) deveremos citar... de início... a prestação... da assistência médica... odontológica... uma assistência... que eu considero **realmente** de grande valia (DID- RE-131-8)

Os fatores **expressão do Sujeito e expressão do Objeto** foram selecionados com o objetivo de averiguar se a presença ou não dos argumentos A1, A2 e A3 (Sujeito e/ou Objeto) altera a posição assumida pelo satélite. As ocorrências (20), (21), (22) e (23) mostram as possibilidades de expressão desses argumentos:

- (20) como eu não tenho por hábito...eu não sinto falta...entendeu? e até às vezes nem...nem gosto muito...entende? mas **normalmente**...a gente toma Coca-Cola... aqui em casa... (D2- RJ-328:771)

Nessa ocorrência o A1 *a gente* e o A2 *Coca-Cola* estão expressos na oração. Já em (21) o A1 *eu* está expresso, mas o A2 *refrigerante* só aparece na oração anterior, sendo classificado, dessa forma, como oculto.

- (21) L1 eu nao tenho por hábito também refrige/ é refrigerantes...por exemplo...eu...
Doc hm hm...
L1 **normalmente** não tomo...sabe? a não ser assim dia de domingo.. (DID- RJ-328:760)

Em (22), o predicado é monovalencial, estando expresso apenas o A1 *uma* (economia) *americana*. Na oração *toma conta precocemente das atividades dos irmãos*, ocorrência (23), o A2 *das atividades dos irmãos* está expresso, mas o A1 *essa* só aparece na oração anterior, sendo classificado, dessa forma, como oculto.



- (22) eu vou repetir(,) muito diferente do início da economia americana, tá dando pra situar a diferença? uma americana nascendo **linearmente**, etc, etc e a outra brigando para poder nascer (EF-RJ-379:95)
- (23) fez::arte demais no banheiro...porque às vezes...estão tomando banho e ficam jogando água pela janela quer dizer essa... é supervisora nata é assim...ah...toma conta...**precocemente** não? das::atividades dos irmãos (D2-SP-360:200)

Identificar o **tipo de predicação** da oração como sendo verbal ou não-verbal pareceu-nos pertinente para a verificação não só das preferências de cada satélite por uma determinada predicação como também das possibilidades de alteração de ordem. As ocorrências (24) e (25a-b) representam, respectivamente, ocorrências de predicação verbal e não-verbal:

- (24) então toda a aplicação já supõe uma interpretação que para nós, se a gente analisa **objetivamente** é que vê que vai se constituir numa análise, ela tem que interpretar, no caso, uma situação para poder fazer uma extrapolação (EF- POA-278, p.7:24)
- (25a) mas **frequêntemente**... pelo que eu tenho acompanhado pelo que eu tenho lido há uma determinada há uma certa BURLA... a essas normas... (DID- RE-131, p.5:7)
- (25b) eles penam...penam bastante...é um tal de ter que trabalhar fo::ra porque não dá só o de lá...e aí a coisa **realmente** fica difícil né? porque tem que manter um certo padrão:: e:: não dá... (D2- SP-360:724)

Quando o predicado é verbal, como *analisa* em (24), a oração é uma predicação verbal; se o predicado é existencial, como *há* em (25a), ou cópula, como *fica* em (25b), a predicação é não-verbal (nominal).

No capítulo seguinte, são apresentados e analisados os resultados da análise desses fatores.



CAPÍTULO 4

DESCRIÇÃO DOS ADVÉRBIOS TERMINADOS EM *-MENTE* NO PORTUGUÊS FALADO DO BRASIL

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A fim de se chegar a uma descrição com relação à ordem em que os advérbios terminados em *-mente* ocupam na estrutura linear da oração, foram analisados, como já explicitado anteriormente, textos falados do corpus mínimo do PGPF, tendo sido encontradas 392 ocorrências desses advérbios.

A descrição foi feita de acordo com a proposta exposta em “Procedimentos Metodológicos”. A análise dos resultados foi realizada com base em fatores significativos e está dividida em três seções: em 4.1, descrevemos o fator Tipo de Satélite; em 4.2, analisamos os princípios que orientam a ordenação de cada tipo de satélite, ou seja, o fator Posição do Satélite, relacionando-os aos demais fatores de descrição (Valência Verbal, Tipo de Oração, Tipo de Predicação e Manifestação do Sujeito e do Objeto); em 4.3, apresentamos uma discussão geral dos resultados obtidos a partir da análise dos dados.



4.1. OS ADVÉRBIOS EM *-MENTE* NAS DIFERENTES CAMADAS DA ESTRUTURA DA ORAÇÃO

Com o objetivo de apresentarmos de forma mais clara o comportamento dos advérbios em *-mente*, pareceu-nos mais proveitoso fazermos uma descrição pormenorizada de cada tipo de satélite. Para isso, essa primeira seção mostra tanto as camadas em que esse constituinte atua, como sua preferência pela camada da proposição.

Tipo de Satélite

Na análise das ocorrências obtivemos a distribuição quantitativa desses constituintes, em cada uma das camadas da estrutura da oração, conforme observamos na Tabela 1:

Tabela 1: Distribuição dos satélites em *-mente* quanto ao Tipo

Tipo de satélite	N	%
Predicado	50	13.0
Predicação	57	14.0
Proposição	285	73.0
Ilocução		
Total	392	100.0

Verificamos que, no total de 392 ocorrências, há predominância dos advérbios que dão informações sobre a atitude do falante ou sua avaliação frente ao conteúdo

proposicional, ou seja, satélite de nível 3, (σ_3), com 73.0% (285/392) das ocorrências, conforme exemplificam (1), (2) e (3):

- (1) o mais importante também muito importante são os linfáticos...os linfáticos...no ponto de vista de: retiradas da MAmã...ou mastec/ mastectomia...**infelizmente**...a glândula mamária é sede de tumores...se benígnos só seria bom...

(EF-SSA-49, p.6:17)

- (2) enquanto o indivíduo compreende, quando ele compreende, ele pode fazer de três maneiras: translação, interpretação e extrapolação, mas isto pra vocês, **basicamente**, serve, basta que vocês me digam que que é compreensão

(EF-POA-278, p.8:14)

- (3) L1 no curso de medicina é o sétimo ano que é o pior né?...o estudante **geralmente** ele não sabe já (é) formado...com seu diploma na mão não sabe o que vai fazer da vida né?...

(DID-SSA-231:927)

Nos exemplos acima, *infelizmente*, *basicamente* e *geralmente* não se referem a nenhum constituinte em particular, não fazem parte do conteúdo proposicional, mas tomam como escopo a proposição como um todo.

Tal resultado parece, em princípio, contrariar o previsto pela GT que considera os advérbios terminados em *-mente*, em sua maioria, com a função genérica de modificação, ou seja, advérbios que indicam a maneira pela qual uma Ação acontece, uma Posição é mantida ou em que um Processo é efetuado, como vemos em (4) e (5):

- (4) é baseado em pesquisas... etnográficas... em pesquisas... no campo da ARte... mas uma série de coisas são suposições... se nós não podemos afirmar... **categoricamente** que as coisas se passaram assim... a gente tem uma série de dados...

(EF-SP-405:30)



- (5) L2 você viu agora Recife passou quase uma semana sem água...ainda existem bairros sem água...saneamento não existe...há uma preocupação muito grande tem a tem havido uma preocupação muito grande em obras de fachada...ultimamente tem se pensado mais **seriamente** nesse problema de saneamento básico de abastecimento d'água (D2-RE-05, p.6:13)

Os advérbios *categoricamente* e *seriamente* modificam a propriedade ou relação expressa por um predicado, afetam a constituição interna de um EsCo. Esses advérbios tomam como escopo o predicado, podendo também indicar o montante de Ação ou Processo que ocorre por unidade de tempo, como *rapidamente* em (6), ou ainda, especificar o instrumento com o qual alguma Ação ocorre ou alguma Posição é mantida, como *historicamente* em (7). *Historicamente* pode, comumente, ser parafraseado por *do ponto de vista histórico*, porém, na ocorrência destacada, a paráfrase mais adequada é *por meio da história*, uma vez que a professora diz que o período citado é maior do que o conhecido pelo que mostra a história e não pelo seu ponto de vista.

- (6) L1 então não professora de livro de ensinar a ler então não me aceitou e tudo mais agora na escola ele aprendeu **rapidamente** a ler...e começou a ler os livros que nós já tínhamos lido para ele não é?... (D2-SP-360:1450)
- (7) então a gente já limitou bastante nesse período extremamente vasto de seiscentos mil anos... embora... de vinte mil a doze mil... (quer dizer) praticamente oito mil anos... ainda seja... um período MUITO maior do que... o que nós conhecemos... **historicamente**... que abrange por volta de cinco mil antes de Cristo até hoje portanto... por volta de sete mil anos... certo?... (EF-SP-405:22)

O exame do corpus mostra que σ_1 , como exemplificado acima, ocorre quase com a mesma frequência de σ_2 , que pode especificar o EsCo em termos do tempo de sua ocorrência, como mostra o satélite de predicação de Tempo *atualmente* em (8), ou em

termos do número de suas ocorrências, como exemplificado pelo satélite de predicação de Frequência *constantemente* em (9):

- (8) Inf olhe tem método não é? utiliza técnica... mas você note que são... métodos e técnicas... formais... lógico-formais... eu não sei quem... está ensinando a você **atualmente**... a teoria geral do estado é Bernadete (EF-RE-339, p.7:14)
- (9) eu gosto mais de laranja eu gosto de qualquer tipo de fruta mas como muito laranja chupo muito laranja tangerina...maçã é uma fruta que **constantemente** eu como quando eu quero levar assim uma merenda que eu vou passar a maior parte do tempo na rua aí eu geralmente eu levo maçã... (DID-RJ-328:656)

Na análise não foram observadas ocorrências de advérbio em *-mente* modificando ou especificando o valor ilocucionário da oração (σ_4), ou seja, o ato de fala.

Destacamos que o levantamento realizado foi de ocorrência *token*, o que nos levou a afirmar o uso quase predominante dos advérbios em *-mente* como atitudinais. Porém, ao fazermos o levantamento de ocorrência *type*, verificamos que do total de 47 casos de satélites de predicação do Quadro Meios e Maneiras, quarenta são de Modo. Estes são representados por trinta tipos de advérbios, sendo que apenas seis se repetem. Já os atitudinais, que somam 285 casos, são representados por 32 tipos diferentes de advérbios, sendo que destes, 18 se repetem pelo menos uma vez. Isso nos permite dizer que a alta frequência dos atitudinais é motivada pela repetição de ocorrência *token* e que, na verdade, se considerarmos a ocorrência *type*, os advérbios em *-mente* tendem, de fato, indicar o modo de ocorrência do EsCo, como entendem os gramáticos. Fica evidente que o sistema produz mais advérbios de modo em *-mente* que de tempo e frequência e de atitude, mas, por razões óbvias de interessoalidade, os atitudinais são os mais usados.



4.2. O TIPO DE SATÉLITE E A SUA ORDEM NA ESTRUTURA LINEAR DA ORAÇÃO: RELAÇÃO ENTRE OS FATORES DE ANÁLISE

Para uma análise mais detalhada da ordenação dos advérbios em *-mente*, os fatores Valência Verbal, Tipo de Oração, Tipo de Predicação e Manifestação do Sujeito e do Objeto foram descritos com relação a cada Tipo de Satélite. Assim, esta seção é dividida em três partes, que correspondem aos três tipos de satélites encontrados: de predicado, predicação e proposição.

4.2.1. O Satélite de Predicado

O satélite de predicado, com 13% (50/392) da ocorrências, diz respeito aos meios lexicais que especificam propriedades adicionais do conjunto de EsCo designado por uma predicação nuclear. De modo geral, esse satélite corresponde ao *predicativo qualitativo* e ao *não-predicativo circunstancial* de lugar que indicam *direção* e *percurso*, conforme Ilari *et alii* (1990). Dos subtipos de satélites de predicado²² distinguidos, encontramos, no Quadro Participantes Adicionais, três ocorrências de satélites Instrumento, como exemplificado em (7); as demais ocorrências constituem satélites do Quadro Meios e Maneiras, sendo quarenta casos de Modo, exemplo (4), e sete de Velocidade, exemplificado em (6). As ocorrências são repetidas a seguir:

²²Os subtipos de satélites de predicado foram exemplificados no capítulo 2, na seção 2.2.3.1. “Os satélites de predicado”.



- (4) é baseado em pesquisas... etnográficas... em pesquisas... no campo da ARte... mas uma série de coisas são suposições... se nós não podemos afirmar... **categoricamente** que as coisas se passaram assim... a gente tem uma série de dados... (EF-SP-405:30)
- (6) L1 então não professora de livro de ensinar a ler então não me aceitou e tudo mais agora na escola ele aprendeu **rapidamente** a ler...e começou a ler os livros que nós já tínhamos lido para ele não é?... (D2-SP-360:1450)
- (7) então a gente já limitou bastante nesse período extremamente vasto de seiscentos mil anos... embora... de vinte mil a doze mil... (quer dizer) praticamente oito mil anos... ainda seja... um período **MUIt**o maiOR do que... o que nós conhecemos... **historicamente**... que abrange por volta de cinco mil antes de Cristo até hoje portanto... por volta de sete mil anos... certo?... (EF-SP-405:22)

A tabela 2 demonstra a distribuição dos satélites de predicado quanto ao esquema de posições proposto para este trabalho:

Tabela 2: Distribuição do advérbio de predicado quanto à posição

Posição	σ_1	
	N	%
P1		
1		
2		
3	06	12.0
4	32	64.0
O		
5	12	24.0
6		
PF		
Total	50	

Como se observa, σ_1 não ocorre nas posições P1, 1, 2, O, 6 e PF.

Os dados mostram que, embora os satélites de predicado ocorram nas posições 3, 4 e 5, há preferência pela posição 4, ou seja, imediatamente depois do predicado, interrompendo a adjacência Verbo-Objeto; ou ainda, imediatamente após o Verbo monovalencial, perfazendo um total de 64% (32/50) das ocorrências. No exemplo (10a), o satélite de instrumento *graficamente* ocorre entre o Verbo e o Objeto e em (10b), o satélite de modo *linearmente*, após o Verbo monovalencial:

- (10a) então, aqui tem, tem uma disciplina assim, uma outra que seja lá em cima, vocês nem tem tantas assim, em todo caso, eu represento **graficamente** uma comunicação, isso aqui, em que nível estaria aí? (EF-POA-278, p.5:31)
- (10b) eu vou repetir(,) muito diferente do início da economia americana, tá dando pra situar a diferença? uma americana nascendo **linearmente**, etc, etc e a outra brigando para poder nascer (EF-RJ-379:95)

A segunda posição que mais recebe satélite de predicado é a 5, isto é, imediatamente após o Objeto. Nesta posição, o advérbio toma como escopo o Verbo e o Objeto, como o satélite de modo *individualmente* em (11):

- (11) vocês notam com isso... como é importante a presença a frequência... em classe... que vez por outra... eu farei esse tipo... de estudo... dirigido... em grupos ou **individualmente**... não cobrarei: só em circunstâncias muito especiais... (EF-RE-339, p.2:17)

A preferência por essas posições é explicada pelo “Princípio de Integridade de Domínio”, segundo o qual os constituintes preferem permanecer dentro de seu próprio



domínio; e os domínios preferem não ser interrompidos por constituintes de outros domínios.

Os satélites de predicado ocupam a posição 5 quando se trata de um predicado de dois ou três lugares cuja posição de Objeto/s, está preenchida. Isso não viola o Princípio, uma vez que o segundo e o terceiro argumentos integram a predicação nuclear de predicados de dois e três lugares; assim, o satélite continua dentro de seu próprio domínio.

Dessa forma, por atuar no nível da predicação nuclear, o satélite de predicado tende a se colocar neste domínio, ou seja, o mais próximo possível de seu núcleo, o predicado. Isso pode ser comprovado pelo fato de o predicado de dois lugares ser majoritário nas ocorrências com satélites de predicado, 64% (32/50) dos casos, como ilustrado em (12) em que *posso* aparece como auxiliar e *representar* como verbo principal, sendo o primeiro argumento preenchido pelo Sujeito *eu* e o segundo argumento pelo Objeto *resultado*:

- (12) ou quando o aluno for capaz, capaz de inferir a partir daquela comunicação, ele está já com o nível de extrapolação nós podemos dar um outro exemplo ainda, eu posso representar, **graficamente**, o resultado dessa turma em diferentes disciplinas, (es)tá? então, aqui tem, tem uma disciplina assim, uma outra que seja lá em cima

(EF-POA-278, p.5:29)

Esses dados corroboram o estudo de Ilari *et alii* (1990) e posteriormente de Oliveira (1992) que, ao investigarem os qualitativos de verbos (comer *bem*), observaram que esse constituinte ocorre depois de um Verbo intransitivo, entre o Verbo e seu complemento (seja ele direto, indireto ou oracional), ou ainda, depois do complemento verbal. Quando se refere a adjetivos, os qualitativos (raciocínio *bem* europeu) ocorrem antes do constituinte sob seu escopo. Porém, os autores não encontraram casos em que o qualitativo ocorra entre

o Sujeito e o Verbo, que corresponde à posição 3 do esquema proposto para este trabalho. Isso pode ser explicado pelo fato de esses autores considerarem apenas o Verbo, e não o adjetivo, como categoria de predicado. O estudo de Ilari *et alii* sobre os circunstanciais de lugar (direção e percurso) não traz considerações acerca da posição que eles podem ocupar.

Os dados mostram que a posição 3 pode ser ocupada por esse constituinte (seis casos) quando o predicado oracional é perifrástico; nesse caso o satélite aparece entre o auxiliar e o verbo principal, como demonstra (13), em que o satélite de predicado de modo *concretamente* posiciona-se entre o auxiliar modal *pode* e o verbo principal *ver*:

- (13) é u::/ u::ma arte extremamente visuAL... em que sentido?... no sentido de que só entra na figura aquilo que ele pode **concretamente** ver no animal...

(EF-SP-405:326)

Nos demais casos, o constituinte aparece nessa posição em predicacões nominais como ilustrado pelo satélite de modo *devidamente*, que se posiciona entre a cópula e o predicado *preparado*, em (14):

- (14) L1 bom essa questão... na na realidade eu não poderia lhe responder... porque evidentemente se trata... de uma filigrana jurídica... filigrana esta a que eu não estou... **devidamente** preparado... para responder... eu preferia deixar evidentemente essa questão... a um consultor jurídico que ele poderia então lhe dar: um resposta mais conclusiva... a esse respeito (D2-RE-131, p.7:32)

A pouca ocorrência de σ_1 na posição 3, parece relacionar-se ao fato de tal posição estar reservada aos satélites de predicação e proposição, como tentaremos demonstrar no



decorrer da análise. Isso não quer dizer que o satélite de predicado não possa ocupá-la, como visto acima.

Ao se verificar o tipo de oração em que se encontram esses satélites, observa-se que eles ocorrem mais freqüentemente em orações independentes, em 54% dos casos (27/50).

Pelo cruzamento dos fatores posição e tipo de oração, verifica-se que tanto as orações subordinadas, conforme (10b), repetida a seguir, como também as independentes, conforme (15a), abrigam σ_1 em maior número de ocorrências em posição 4. Porém, em orações subordinadas, a posição 3 abriga uma ocorrência a mais do que a posição 5.

(10b) eu vou repetir () muito diferente do início da economia americana, tá dando pra situar a diferença? uma americana nascendo **linearmente**, etc, etc e a outra brigando para poder nascer (EF-RJ-379:95)

(15a) L2 então nós estamos pensando...estamos pensando não ofic/ oficialmente não está encerrado...mas de fato está porque:...o endocrinologista proibiu **terminantemente** que eu tenha mais filhos... (D2-SP-360:80)

O σ_1 ocorre mais freqüentemente em predicções verbais, ou seja, em 96% (48/50) das ocorrências, e distribuem-se nas posições 3, 4 e 5, predominando na posição 4. Em predicções não-verbais, esses advérbios ocorrem apenas na posição 3 (dois casos, exemplificados em (14) e (15b)) entre a cópula e o predicado (representado por um adjetivo), incidindo sobre este predicado.

O fato de os satélites de predicado serem os que mais ocorrem com predicções verbais pode ser entendido pelo fato de os advérbios de Modo indicarem o modo em que uma Ação se desenvolve, uma Posição é mantida ou um Processo ocorre. Sendo assim, não



pode ocorrer com Estados, tipo de EsCo representado em predicções não-verbais, como exemplificado em (15b):

- (15b) L1 nós aqui ficamos é... nós aqui ficamos mais **autenticamente** brasileiros...de modo que é importante que essa socia essa é a sociedade BRAsileira cresça
(D2-RE-05, p.7:1)

O fator manifestação do Sujeito permitiu-nos averiguar que os satélites de predicado ocorrem preferencialmente em construções com o Sujeito expresso (77% dos casos). Ainda, pudemos verificar que a presença do Sujeito confirma as posições 4 e 5 como preferidas por esse constituinte. Os exemplos (16a-b) atestam esse advérbio, em construções com Sujeito expresso, nas duas principais posições ocupadas por ele:

- (16a) quer dizer o quê que você tá fazendo... **rapidamente** não... olhe isso aqui as duas... estão fazendo uma pesquisa... não é? com os professores... (EF-RE-339, p.2:1)
- (16b) VEJAM, dentro de um esquema (a) economia americana como nós vimos é muito mais fácil...pelo menos em termos de análise econômica, não é?, você ter uma distribuição da produção mais **facilmente**, porque todos setores são desenvolvidos... (EF-RJ-379:386)

Em (16a) σ_1 *rapidamente* ocupa a posição 4 e o Sujeito *você* está expresso na oração; em (16b) *facilmente* ocupa a posição 5 e o Sujeito está expresso por meio do pronome *você*.

Com relação à manifestação do Objeto, conclui-se que σ_1 ocorre preferencialmente em construções com Objeto expresso (87% dos casos) e confirma as posições 4 e 5 como preferidas, conforme vemos em (17a-b):

- (17a) L2 é (pensamos) seriamente em parar...depois disso ainda ti/ tive problemas de...saúde problemas de tiróide não sei quê:: então o médico está aconselhando a não ter mais... então nós estamos pensando...estamos pensando não ofic/ oficialmente não está encerrado...mas de fato está porque:...o endocrinologista proibiu **terminantemente** que eu tenha mais filhos... (D2-SP-360:80)
- (17b) vocês notam com isso... como é importan:te a presença a freqüência... em classe... que vez por outra... eu farei esse tipo... de estudo... dirigido... em grupos ou **individualmente**... não cobrarei: só em circunstâncias muito especiais... mas a cobrança será a própria freqüência... (EF-RE-339, p.2:17)

Em (17a), *terminantemente* (σ_1) ocupa a posição 4 e a oração *que eu tenha mais filhos*, a de Objeto; em (17b), *individualmente* ocupa a posição 5 e *esse tipo de estudo dirigido*, a de Objeto.

Como se observa, o satélite de predicado ocorre apenas em posições em torno do predicado ou do conjunto predicado e segundo argumento, que são as posições 3, 4 e 5, não ultrapassando seu próprio domínio.

Dentre essas posições (3, 4 e 5), a 4 é a preferida pelos satélites de predicado. A segunda posição que mais abriga esses constituintes é a 5. Assim, a preferência por essas posições (88%) é natural, uma vez que o satélite de predicado, por ser um constituinte da predicação nuclear na estrutura de oração subjacente, gira sempre em torno do seu núcleo.



T. 1353/05

Pelo cruzamento do fator posição com os demais fatores analisados, observamos a distribuição dos satélites de predicado conforme mostra o gráfico 1²³:

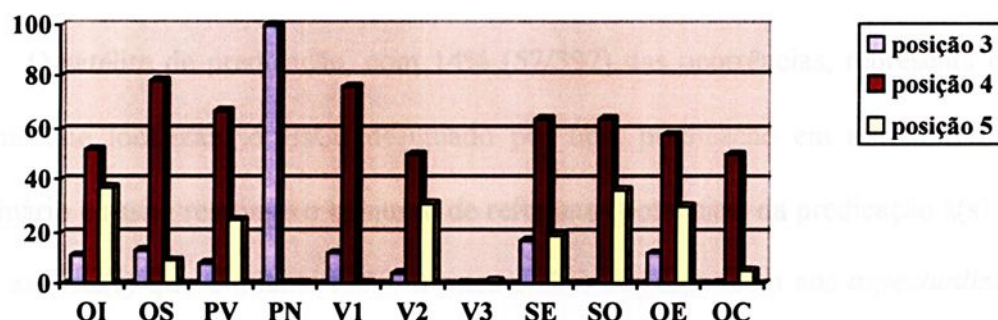


Gráfico 1: Distribuição do satélite de predicado quanto à posição e demais fatores

Os dados mostram que apenas em predicções não-verbais e com Verbos trivalentiais a posição 4 não aparece ocupada pelo satélite de predicado. Isso se dá porque, nas predicções não-verbais observadas, σ_1 ocorre na posição 3, entre a cópula e o predicado, representado por um adjetivo; já na única ocorrência com Verbo de três lugares, σ_1 ocupa a posição 5, ou seja, depois do Objeto. Ainda, nas orações subordinadas, a posição 3 abriga mais ocorrências de σ_1 do que a posição 5.

A verificação de quais posições o satélite de predicado ocupa na oração nos permite acrescentar, em relação as advérbios qualitativos, que indicam modo, (ILARI *et alii*, 1990), uma posição não apontada pelos autores para esses constituintes: a posição entre o Sujeito e o predicado (verbal ou adjetival). Ainda, como citado anteriormente, o estudo desses autores sobre os circunstanciais de lugar (direção e percurso) não aponta as posições que eles podem ocupar na oração. Assim, por se assemelharem também aos satélites de predicado, podemos indicar aos circunstanciais as mesmas posições desses satélites.

²³ No eixo horizontal do gráfico 1, temos oração independente (OI), oração subordinada (OS), predicção verbal (PV), predicção não-verbal (PN), verbo monovalencial (V1), verbo bivalencial (V2), verbo trivalencial (V3), sujeito expresso (SE), sujeito oculto (SO), objeto expresso (OE) e objeto oculto (OC).

4.2.2. O Satélite de Predicação

O satélite de predicação, com 14% (57/392) das ocorrências, representa os meios lexicais que localizam o EsCo designado por uma predicação em um mundo real ou imaginário e assim restringe o conjunto de referentes potenciais da predicação à(s) situação (ões) externa(s) que o falante tem em mente. Eles correspondem aos *aspectualizadores* e aos *circunstanciais* de *tempo* e de *lugar* (*situativos*), conforme Ilari *et alii* (1990), Ilari (1992) e Neves (1992). Dos quatro Quadros²⁴ em que se dividem tais satélites (Espacial, Temporal, Quadro relativo a outro EsCo e Quadro Cognitivo), os dados mostram ocorrências em *-mente* apenas no Quadro Temporal: 39 satélites de Tempo e 15 de Frequência, , como ilustrado, respectivamente, em (8) e (9) e repetido aqui:

- (8) Inf olhe tem método não é? utiliza técnica... mas você note que são... métodos e técnicas... formais... lógico-formais... eu não sei quem... está ensinando a você **atualmente**... a teoria geral do estado é Bernadete (EF-RE-339, p.7:14)
- (9) eu gosto mais de laranja eu gosto de qualquer tipo de fruta mas como muito laranja chupo muito laranja tangerina...maçã é uma fruta que **constantemente** eu como quando eu quero levar assim uma merenda que eu vou passar a maior parte do tempo na rua aí eu geralmente eu levo maçã... (DID-RJ-328:656)

Esses dados podem ser comparados aos de Câmara (2003), que, ao estudar os satélites de predicação no Português do Brasil, verificou, com relação à função semântica, que estes pertencem predominantemente ao Quadro Temporal (69% das ocorrências).

²⁴ Quadros correspondem aos subtipos de satélites de predicação, conforme explicitado no capítulo 2, na



A distribuição das ocorrências de σ_2 , quanto às posições por ele ocupadas, pode ser observada na Tabela 3.

Tabela 3: Distribuição do satélite de predicação quanto à posição

Posição	σ_2	
	N	%
P1	01	2.0
1		
2	26	46.0
3	13	23.0
4	07	12.0
O		
5	10	17.0
6		
PF		
Total	57	

O exame do corpus mostra que a posição predominante (46%) para σ_2 é a posição 2, imediatamente antes do Sujeito, seguida da posição 3, entre o Sujeito e o Verbo, com 23% (13/57) das ocorrências, conforme exemplificado, respectivamente, em (18) pelo satélite de predicação de Tempo *futuramente*, que se posiciona antes do Sujeito *eu*, e pelo satélite de Frequência *frequentemente*, em (19), que ocorre entre o Sujeito *nós* e o predicado *observamos*:

- (18) L1 então...mas eu acho que um::trabalho assim...DE gabinete...eu gostaria mais sabe?...então...**futuramente** eu pretendo...reiniciar os estudos...mas por enquanto não (D2-SP-360:1246)

- (19) por exemplo é o caso do sindicato dos comerciários.. departamento jurídico esse que está realmente à altura de prestar toda e qualquer assistência aos seus associados principalmente naquelas questões... realmente complicadas difíceis que nós **frequentemente**... observamos na esfera jurídica...

(DID-RE-131, p.3:25)

Os advérbios *futuramente* e *frequentemente* fazem parte do quadro temporal de um evento, ou seja, o primeiro especifica o tempo em que o EsCo ocorre, e o segundo, o número de vezes em que o EsCo ocorre.

Ilari *et alii* (1990) ao estudarem os aspectualizadores que indicam frequência não apontam para a possibilidade de esse tipo de advérbio referir-se a um constituinte, como exemplificado em (19). Eles consideram os aspectualizadores apenas como sentenciais. Como já salientado na seção anterior, os autores não observam as possibilidades de colocação dos circunstanciais, apenas indicam que estes podem referir-se a constituintes e não a sentenças. Os dados não confirmam tal afirmação, uma vez que há casos, como (18), em que o advérbio de tempo refere-se ao conjunto predicado-termos.

A preferência do satélite de predicação pela posição 2 pode estar relacionada ao fato de esta posição geralmente ser reservada para constituintes com função pragmática de “Preparador de Cenário” (*Stager*). Tal função, proposta por Hannay (1991) e Bolkestein (1998), tem como propósito situar, criar um cenário ou quadro para a ocorrência de um EsCo, com relação às coordenadas de Tempo, Lugar e Circunstância. No caso dos advérbios em *-mente*, nota-se que atuam apenas com relação à coordenada de Tempo, criando o cenário temporal para a ocorrência do EsCo.

Já a preferência desse constituinte pela posição 3 relaciona-se à proximidade com o predicado principal de uma sentença. Ou seja, conforme preconiza Hengeveld (1997), σ_1 e



σ_2 ocuparão sempre as posições mais próximas do predicado principal, que é tomado como núcleo.

O satélite de predicação pode também ser encontrado, com menor frequência, na posição 4, imediatamente após Verbo monovalencial, como ilustrado em (20); entre o Verbo e o Objeto, exemplificado em (21), ou ainda, na posição 5, imediatamente após o Objeto conforme mostra (22):

- (20) Doc. e:: quais são as mudanças de tratamento que ocorreram de **antigamente** a:: aos nossos dias entre pais e filhos entre:: () namora::dos... (enfim)?

(DID-POA-45:690)

- (21) quanto ao mediastino anterior...nós vamos dar os limites...para adiante...nós vamos encontrar...não podíamos deixar:: de falarmos **novamente** no externo...região posterior do externo...

(EF-SSA-49, p.8:11)

- (22) L1 porque...ela está assumindo...tarefas assim...MUITO **precocemente**...não é?...e...possivelmente passe essa fase

(D2-SP-360:226)

O satélite de predicação, quando nas posições 4 e 5, está mais próximo do predicado de um, dois ou de três lugares, interrompendo, nos dois últimos casos, a adjacência Verbo-Objeto.

Os satélites de predicação se distribuem por igual entre verbos monovalenciais e bivalenciais, 49% das ocorrências. Os casos (23a-b) exemplificam a ocorrência de σ_2 com esses verbos:



(23a) Doc. e os jovens modifi modificaram a maneira de:: tratar os:: mais velhos os pais? ou continua da mesma maneira como se fazia?

Inf. bom... ah no tratamento ao menos assim fi/ ai aqui em casa e/elas tratam tudo por tu mas eu acho que **antigamente** havia mais respeito não sei se é nesse sentido que vocês estão perguntando ou não... né? (DID-POA-45:713)

(23b) proporcionar aos seus associados... a melhor assistência possível temos o caso por exemplo aqui do nosso sindicato... que **recentemente** construiu... uma sede... um edifício... de quatro pavimentos... (DID-RE-131, p.3:2)

Uma vez que σ_2 expressa uma quantificação sobre eventos (e não sobre objetos) e impõe restrições ao aspecto do verbo, é natural que ele ocorra nas posições mais próximas à predicação, que são as posições 2, 3, 4 e 5, conforme exemplificado acima.

Só quando σ_2 exerce alguma função pragmática é que ele vai para P1. Os dados mostram apenas um caso em P1, com a função pragmática de Foco²⁵ (24):

(24) isso na realidade... é um ensaio para futuramente... atendermos às normas jurídicas ao direito... nós estamos diariamente ensaiando... através da socialização como obedecer a ordenamentos não jurídicos... e **SÓ futuramente** como diz Carbonier... é que nós: entramos num é? Para compreender e obedecer... um fenômeno do direito... (EF-RE-339, p.12:30)

Ao se verificar o tipo de oração em que se encontram os advérbios em *-mente*, observa-se que σ_2 ocorre mais frequentemente em orações independentes (54%). Pelo cruzamento dos fatores posição e tipo de oração, verifica-se que as orações independentes abrigam σ_2 na posição 2 em 61% das ocorrências, como exemplificado em (18) e repetido a seguir:

²⁵ Com relação à função pragmática Foco, ver capítulo 1, seção 1.5. "Funções pragmáticas".



- (18) L1 então...mas eu acho que um::trabalho assim...DE gabinete...eu gostaria mais sabe?...então...**futuramente** eu pretendo...reiniciar os estudos...mas por enquanto não (D2-SP-360:1246)

Já em oração subordinada, a distribuição é mais equitativa, uma vez que a posição 3 predomina por pequena margem (31%) sobre as posições 2 e 5, e a escolha pela posição 2 equivale à escolha pela posição 5 (27%).

As predicções verbais são as que mais abrigam σ_2 (65%), que preferem as posições 2 e 5; nas predicções não-verbais, por outro lado, são preferidas as posições 2 e 3, tendo esta última uma vantagem pequena em relação à posição 4. É interessante observar que a posição 4 é a menos escolhida em predicções verbais, enquanto em predicções não-verbais, a menos escolhida é a posição 5 (dois casos). Isso pode ser explicado pelo fato de σ_2 ocorrer em construções com verbos existenciais, conforme em (25):

- (25) L1 há uma preocupação **modernamente** em dar melhor tratamento possível à sinalização...inclusive à sinalização vertical (D2- SSA-98, p.7:42)

Com relação à manifestação do Sujeito, os dados mostram a preferência de σ_2 por construções com Sujeito expreso (84%) e mantém-se as posições 2 (46%) e a 3 (26%) como as mais ocupadas. Já em construções com Sujeito oculto, σ_2 ocupa na mesma proporção as posições 2, 4 e 5. As ocorrências abaixo ilustram σ_2 com Sujeito expreso, nas duas posições mais ocupadas por eles:



- (26a) L2 e realmente você conclui agora
 [
 L1 (
 L2 que foi o melhor
 L1 que foi melhor embora **futuramente** eu pretenda trabalhar eu quero
 continuar os estudos...e:: e trabalhar fora (D2-SP-360:1215)

- (26b) L2 abandonado (é um absurdo) porque...não tem vias de acesso...as vias
 de acesso prá lá **atualmente** é uma barbaridade...é quase que você...fazer uma
 viagem...que você (como) é que você vai chegar...estrada de terra...ruim...
 (D2-SSA-98, p.3:49)

Verificamos ainda que o satélite de predicação ocorre preferencialmente em
 construções com o Objeto expresso (88%), mantendo-se as posições 2 e 3 como as
 posições preferidas, conforme exemplificado em (27a-b):

- (27a) porque me faltam meios... para... poder... digamos assim entrar nesse assunto... em
 maior profundidade... porque eu não estou realmente familiarizado com essa
 questão sei apenas que os associados são obrigados a pagar uma determinada taxa...
 e essa taxa **eventualmente** ou **anualmente**... ela sofre me parece... que um reajuste
 reajuste esse que é... debatido (DID-RE-131, p.4:25)

- (27b) eu agora eu falo depressa...é tudo correndo...não é mais aquela pessoa assim
 admirável aquelas pessoas cal::mas

[
 Doc. tranqüi::la
 L2 tranqüi::las...que:: **difícilmente**...perdem a cal::ma perdem o
 contro::le...falam falam pausadamen::te que não tem aquele rosto sua::do assim::

(D2-SP-360:125)



Em (27a-b), observamos *eventualmente/anualmente* e *difficilmente* ocupando posição 2 e 3, respectivamente; e *um reajuste* e *a calma* preenchendo a posição de Objeto.

De acordo com as considerações feitas até aqui, σ_2 em *-mente* ocorre apenas com as funções semânticas de Tempo e Frequência e distribui-se nas posições P1, 2, 3, 4 e 5.

Pelo cruzamento do fator posição com os demais fatores analisados, observamos a distribuição dos satélites de predicação conforme mostra o Gráfico 2²⁶:

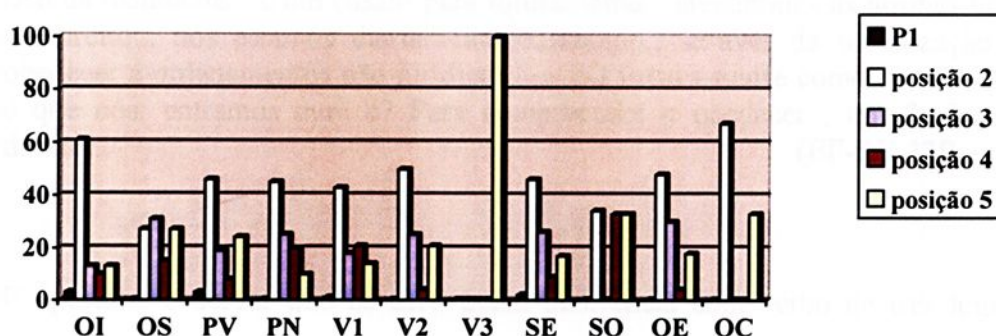


Gráfico 2: Distribuição do satélite de predicação quanto à posição e demais fatores

Dentre essas posições (P1, 2, 3, 4 e 5), a 2 é a preferida pelos satélites de predicação. Ao ocupar essa posição, σ_2 assume a função pragmática de “Preparador de Cenário” (*Stager*), situando a ocorrência do EsCo em relação ao tempo e à frequência.

O satélite de predicação ocupa também, em menor porcentagem, as posições mais próximas do predicado principal, ou seja, as posições 3, 4 e 5, sendo a posição 3 a preferida. O fato de esse constituinte ter como escopo a predicação central na estrutura de oração subjacente, explica a preferência pelas posições mais próximas à predicação.

²⁶ No eixo horizontal do gráfico 1, temos oração independente (OI), oração subordinada (OS), predicação verbal (PV), predicação não-verbal (PN), verbo monovalencial (V1), verbo bivalencial (V2), verbo trivalencial (V3), sujeito expresso (SE), sujeito oculto (SO), objeto expresso (OE) e objeto oculto (OC).

O satélite de nível 2 só abandona essas posições se razões mais fortes o exigirem, como relevância pragmática, que o impele para o início da oração, em P1, posição própria para constituintes com a função pragmática de Foco, conforme exemplificado em (24), repetido aqui:

- (24) isso na realidade... é um ensaio para futuramente... atendermos às normas jurídicas ao direito... nós estamos diariamente ensaiando... através da socialização como obedecer a ordenamentos não jurídicos... e **SÓ futuramente** como diz Carbonier... é que nós: entramos num é? Para compreender e obedecer... um fenômeno do direito... (EF-RE-339, p.12:30)

É oportuno observar que há uma única ocorrência com verbo de três lugares e, nesse caso, esse constituinte ocupa a posição 5, ou seja, depois do Objeto.

Ainda, há fatores que determinam a segunda posição preferida pelo satélite de predicação, observamos que: i) em orações independentes, com Sujeito e Objeto expressos, em predicações não-verbais e com verbos bivalentiais, a posição 3 é a segunda preferida; ii) em orações com verbos monovalenciais é a posição 4; iii) em predicações verbais e nas orações com Objeto oculto, a segunda preferida é a 5.

Os dados permitem que identifiquemos as posições P1, 2, 3, 4 e 5 como as que podem ser ocupadas pelos circunstanciais de tempo e lugar (situacional), segundo Ilari *et alii*, (1990), uma vez que o estudo dos autores não indica as possibilidades de ordenação para esses constituintes. Também, é possível determinarmos essas mesmas posições para os aspectualizadores (frequência), os quais são caracterizados apenas como sentenciais por esses autores.



4.2.3. O Satélite de Proposição

Os satélites de proposição, que são predominantes no corpus analisado, são os meios lexicais pelos quais o falante especifica sua atitude para com a proposição. Os dados mostram advérbios em *-mente* que se referem à Atitude Proposicional (Atitudinais), ou seja, que representam os mecanismos lexicais por meio dos quais o falante avalia (parte do) o conteúdo proposicional que ele apresenta em um ato de fala²⁷. Entre os Atitudinais, verificamos 165 (58%) ocorrências com advérbio orientado para evento, isto é, que se relaciona ao evento cuja referência é feita dentro do conteúdo proposicional; e 120 (42%) casos com advérbio orientado para os participantes, isto é, que se relaciona aos participantes²⁸ no evento cuja referência é feita dentro do conteúdo proposicional processado no ato-de-fala.

Podemos relacionar os satélites atitudinais aos advérbios modalizadores tratados por Castilho & Moraes de Castilho (1992) no que diz respeito ao escopo. Os satélites atitudinais orientados para o evento correspondem aos advérbios de sentença que, segundo os autores, têm a propriedade de modalizar todo o conteúdo proposicional ou expressar uma atitude pessoal com a qual o falante se compromete. Já os satélites orientados para os participantes, conforme Dik *et alii* (1990), por estarem ligados aos constituintes da oração, correspondem aos advérbios de constituinte propostos por Castilho & Moraes de Castilho. Os exemplos (28a-b) e (29) ilustram esses tipos de satélites:

²⁷ Os subtipos de satélites de proposição estão exemplificados no capítulo 2, na seção 2.2.3.3. “Os satélites de proposição”.

²⁸ São Considerados como participantes A1 (Sujeito) e A2 (Objeto).



(28a) Doc e essas festas folclóricas como...reisa::do...
 L1 **infelizmente** eu acho que a tendência é morrer (D2-RE-05, p.9:10)

(28b) L2 eu pus em uma escola ele não gostou daquela... aí eu achei que **realmente** a escola não preenchia tudo...que eu gostaria (que) preenchesse então eu tirei..
 (D2-SP-360:390)

(29) então::... toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar **necessariamente** ligada...a esta preocupação vital... do homem pré-histórico de... se conservar vivo...
 (EF-SP-405:101)

Em (28a) e (28b), *infelizmente* e *realmente* representam satélites orientados para o evento e *necessariamente*, em (29), orientado para o participante.

Castilho e Moraes de Castilho (1992) classificam ainda os advérbios como “modalizadores epistêmicos”, “modalizadores deônticos” e “modalizadores afetivos”, conforme seu valor semântico. Os modalizadores “epistêmicos” são os que expressam uma avaliação do falante sobre o valor e as condições de verdade da proposição, como *realmente*, em (28b). Os “deônticos” são aqueles que indicam que o falante considera o conteúdo proposicional como um estado de coisas que deve, que precisa ocorrer, como *necessariamente*, em (29). Por fim, os modalizadores “afetivos” verbalizam as reações emotivas do falante em face do conteúdo proposicional, deixando de lado quaisquer considerações de caráter epistêmico ou deôntico. Os modalizadores afetivos dividem-se em i) subjetivos, como *infelizmente*, em (29a); e ii) intersubjetivos, como *sinceramente*, *francamente*. Estes últimos são o que Dik chama de satélite ilocucionário ou de ato-de-fala.

Os dados mostram maior ocorrência de atitudinais epistêmicos (97% dos casos), os afetivos ocorrem apenas em 2% e os deônticos em 1% das ocorrências.

A Tabela 4 dispõe o comportamento de σ_3 , com relação à posição ocupada por ele:

Tabela 4: Distribuição do satélite de proposição quanto à posição

Posição	σ_3	
	N	%
P1		
1	146	51.0
2		
3	81	28.0
4	47	17.0
O	03	1.0
5	08	3.0
6		
PF		
Total	285	

Como se pode observar, a posição predominante para σ_3 é a posição 1, conforme mostra *realmente* em (30) e *infelizmente* em (31):

(30) L1 é uma...eles põem uma erva põem uma farinha misturada com água e servem como fosse uma sopa e o pato cozido ali dentro...**realmente** eu num:: eu num:: gostei não sabe? (DID-RJ-328:158)

(31) o mais importante também muito importante são os linfáticos...os linfáticos...no ponto de vista de:: retiradas da MAma...ou mastec/ mastectomia...**infelizmente**...a glândula mamária é sede de tumores... (EF-SSA-49, p.6:17)

O satélite de proposição ocorre principalmente em orações independentes, ilustrado em (31), e em predicções verbais, conforme em (30).

A natureza semântica dos atitudinais aponta para a tendência de ocorrerem orientados para o evento, cuja referência é feita dentro do conteúdo proposicional. Verificamos que, quando ocupa a posição 1, essa tendência se confirma, uma vez que em 74% das ocorrências os satélites são orientados para o evento.

Na verdade, a preferência dos satélites atitudinais pela posição 1 pode ser explicada pelo Princípio de Ordenação Icônica (DIK, 1989), segundo o qual a ordem dos constituintes de uma expressão lingüística reflete iconicamente o conteúdo semântico da expressão em que ocorre. Assim, sendo um mecanismo pelo qual o falante especifica sua atitude a respeito da proposição que ele coloca sob consideração, é natural que esse satélite se posicione preferencialmente antes dela.

Os dados confirmam a afirmação de Ilari *et alii* (1990) de que os modalizadores ocorrem predominantemente em posições periféricas (inicial e final) da oração, sendo o maior número em posição inicial.

A segunda posição em que se registram mais ocorrências de σ_3 é a posição 3, entre o Sujeito e o Verbo. Segundo Ilari *et alii*, isso se explica ou porque o Verbo é o termo mais apto a receber advérbios, ou porque, sendo o predicado freqüentemente “informação nova”, em relação ao Sujeito, que geralmente é “informação dada”, é natural que o advérbio incida sobre o “novo”. *Realmente* em (32) exemplifica isso:

- (32) L1 o nome da farinha que eles usam...é uma farinha tirada de uma folha de árvore uma coisa assim que eles depois fazem uma farinha...eu **realmente** não me detive mui/ (DID-RJ-328:151)

Na posição 3, σ_3 ocorre preferencialmente em orações independentes, conforme exemplificado em (32), e em predicções não-verbais como em (33):



- (33) L2 não é? você não tem realmente mais responsabilidades agora eu percebo os homens os homens que estão lá... realmente... eles penam...penam bastante...é um tal de ter que trabalhar fo::ra porque não dá só o de lá...e aí a coisa **realmente** fica difícil né? porque tem que manter um certo padrão:: e:: não dá...

(D2-SP-360:724)

Há casos, em predicções verbais, em que σ_3 se posiciona na posição 4, entre o Verbo e o Objeto, conforme ilustrado por *simplesmente*, em (34).

- (34) dentro da área cognitiva existe o processo mental mais simples, mais elementar que é o que Bloom denominou de conhecimento, parece uma certa redundância, mas ele utilizou **simplesmente** esse termo quando é que o aluno evidencia conhecimento? e também quando é que o professor solicita respostas do aluno

(EF-POA-278, p.3:18)

Ao interromper a adjacência Verbo-Objeto, tanto *simplesmente* como outros modalizadores, podem ter simultaneamente dois escopos, assumindo duas direções de modificação no interior da oração, ou seja, produzindo mais de um efeito de sentido. Ele pode referir-se ao elemento à esquerda, como ilustrado em (34a) ou ao elemento à direita, conforme (34b):

- (34a) ele simplesmente/apenas utilizou esse termo

- (34b) ele utilizou simplesmente/apenas esse termo (e não outro)

O mesmo pode ocorrer quando os atitudinais ocupam a posição 5, que agrupa apenas 3% (8/285) de ocorrências, sendo uma em predicação não-verbal, conforme (35).



Em (36), *realmente* posiciona-se depois do núcleo do Objeto *condições*, e em (37) depois do Objeto *bastante coisa*:

- (35) L2 é d a/ e ainda agora que estão todos maiores quer dizer cada um já
fica mais ou menos responsável por si
L1 certo
 [
L2 pelo menos na...a...ah por si...**fisicamente** né? (D2- SP-360:179)
- (36) então a aula prática é muito mais interessante do que a aula teórica...então eles têm
condições **realmente** de verem muito doentes...viu?... (DID-SSA-231:222)
- (37) Doc. quanto tempo demora...essa refeição?
L2 ah essa refeição...normalmente leva meia hora mais ou menos ou
menos...porque eles comem bastante coisa **realmente**... (D2-SP-360:326)

Em alguns casos, quando os atitudinais ocupam as posições 4 e 5, eles podem ser considerados polivalentes, ou seja, tendem a produzir mais de um valor semântico.

Observamos que σ_3 se distribui por toda oração, ocupando as posições 1, 3, 4 e 5, podendo, ainda, colocar-se dentro de constituintes, como se observa em (38), em que *relativamente* compõe o Objeto:

- (38) L1 como é que são as marcações no estado...bom você devia perguntar isso ao
técnico e não a mim eu sou eu sou apenas...um: usuário um usuário das marcações
eu acho que aqui nós já temos certas estradas **relativamente** bem
sinalizadas...agora com a renovação que fizeram nesse trecho que foi duplicado...da
Bahia-Feira...ela está muito bem sinalizada... (D2-SSA-98, p.6:42)

A distribuição de σ_3 é basicamente a mesma em oração independente e em oração subordinada, já que, depois da posição 1, a posição escolhida por eles é preferencialmente a 3, independente do tipo de oração.

Observamos que em predicções verbais a posição preferida é a posição 1 (55%), seguida da posição 4 (23%) e da posição 3 (17%). Já em predicções não-verbais a posição preferida deixa de ser a 1 (44%) e passa a ser a 3 (51%) exemplificada em (39a-b):

(39a) é através desse sistema democrático que nós podemos... obter como já disse anteriormente e repito... toda uma série eNORme de reivindicações... reivindicações essas que são **evidentemente** as mais importantes...

(DID-RE-131, p.11:3)

(39b) Não é através de u/ uma nota que a gente vai classificar o estudante... eu acho que é através do aproveitamento durante o curso... o doen/ o estudante se comporta durante o curso... se ele é atencioso nas aulas se ele **realmente** está interessado...

(DID-SSA-231:1007)

Em orações com verbos bivalenciais, os dados apontam a preferência do satélite de proposição pelas posições 1, 3 e 4, justificando a maior ocorrência desse constituinte em predicções verbais. Em orações com verbos monovalenciais, verificamos 49 ocorrências na posição 3, sendo 25 casos entre a cópula e o predicado, conforme (39a); e 23 antes da cópula, conforme (39b).

Com relação à expressão do Sujeito e do Objeto, verificamos que, independente da posição ocupada pelo satélite atitudinal, esses argumentos apresentam-se expressos. Em orações com Sujeito e Objeto expressos, mantêm-se as posições 1 e 3 como preferidas, conforme (40a-b) e (41a-b):



(40a) L2 foi bem pensada bem escolhida e **realmente** a menina gosta muito...e eu pensei que ela fosse ter problema porque ela não fala muito... (D2-SP-360:403)

(40b) Cês vejam que esse mecanismo (inaudível) aplicou também à Alemanha, com diferenças aí em termos de divisão em dois blocos a menos tempo e apenas mais evidente então em relação ao Japão, o milagre japonês **realmente** foi milagre, sabe? que...sabe? (EF-RJ-379:200)

Em (40a) σ_3 *realmente* ocupa a posição 1 e o Sujeito é expresso pelo sintagma *a menina*; em (40b) *realmente* ocupa a posição 3 e o *milagre japonês*, a posição de Sujeito.

Nas ocorrências (41a-b), σ_3 ocupa respectivamente as posições 1 e 3, e *o pedaço do livro* e *aquilo*, a posição de Objeto:

(41a) por exemplo, uma pesquisa, quando nós fazemos uma consulta bibliográfica, a rigor, eu tenho que dizer que é a rigor, porque **normalmente** a gente tira exatamente o pedaço do livro que depois (ininteligível) e depois, exatamente aquele outro que tem, que há, em que há uma concordância então, a gente tira retalhos

(EF-POA-278, p.8:14)

(41b) você não dá assim pra você sentir muito bem os costumes daquela região... mas eu tenho a impressão que eles **normalmente** não usam aquilo... nas refeições...

(DID-RJ-328:366)

Os resultados mostram que σ_3 em *-mente* ocorre apenas como Atitudinal e distribui-se nas posições 1, 2, 3, 4, O e 5.



Pelo cruzamento do fator posição com os demais fatores analisados, observamos a distribuição dos satélites de proposição conforme mostra o Gráfico 3²⁹:

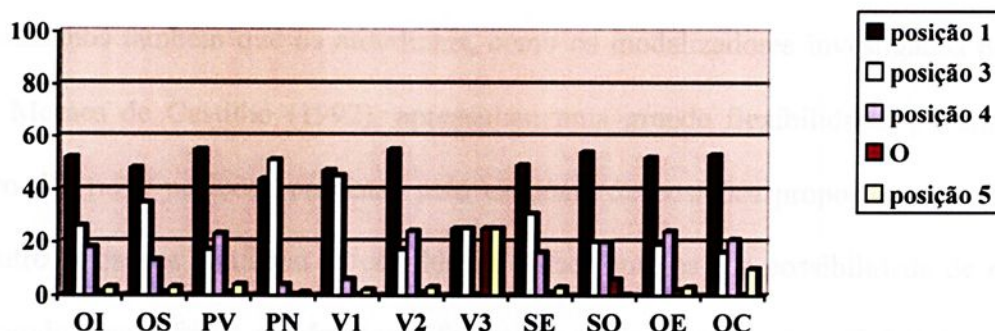


Gráfico 3: Distribuição do satélite de proposição quanto à posição e demais fatores

Dentre essas posições (1, 3, 4, O e 5), 1 é a preferida pelos satélites de proposição atitudinais. Ao ocupar essa posição, esses constituintes expressam uma atitude pessoal com a qual o falante se compromete.

Os dados mostram que apenas em predicções não-verbais a posição 1 deixa de ser preferida. Nessas predicções, 3 é a mais ocupada, já que em quase todos os casos, os atitudinais ocorrem antes da cópula ou entre a cópula e o predicado adjetival.

Verificamos, desse modo, que a posição 3 é a segunda posição preferida pelo satélite de proposição, seguida da posição 4. Observamos, no entanto, que a posição 3 é preferida nas orações independentes e subordinadas, com verbos monovalenciais e em orações com Sujeito expresso ou oculto; já a posição 4 é preferida em predicções verbais, com verbos bivalenciais e em orações com Objeto expresso ou oculto.

²⁹ No eixo horizontal do gráfico 1, temos oração independente (OI), oração subordinada (OS), predicção verbal (PV), predicção não-verbal (PN), verbo monovalencial (V1), verbo bivalencial (V2), verbo trivalencial (V3), sujeito expresso (SE), sujeito oculto (SO), objeto expresso (OE) e objeto oculto (OC).

Os atitudinais abandonam a posição 1 para ocupar as posições 3, 4, O e 5, porque o predicado freqüentemente é “informação nova” em relação ao Sujeito, que geralmente é “informação dada”. Assim, incidem sobre o “novo”, modalizando-o.

Constatamos também que os atitudinais, como os modalizadores investigados por Castilho & Moraes de Castilho (1992), apresentam uma grande flexibilidade, podendo ocupar cinco das nove posições previstas pelo esquema de posições proposto para este trabalho. Outro fator que confirma as conclusões desses autores é a possibilidade de os atitudinais produzirem efeitos semânticos diferentes quando ocupam as posições 4 e 5, podendo incidir sobre o predicado ou sobre o predicado e seu argumento em ambas posições.

Os resultados também ratificam a afirmação de Ilari *et alii* (1990) de que a posição periférica inicial é a preferida por esse tipo de constituinte. Destacamos que os autores não consideram a possibilidade de os modalizadores ocuparem a posição depois do Objeto, tal como verificamos nos dados.

4.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Pela análise apresentada, constatamos que, embora o levantamento de ocorrência *token* mostre o uso predominante dos advérbios terminados em *-mente* como atitudinais, o levantamento de ocorrência *type* confirma que esses constituintes tendem a indicar o Modo de ocorrência do EsCo, como previsto pelos gramáticos.

Como atitudinal, ele ocupa preferencialmente a posição 1. A segunda posição preferida é a 3. Podemos representar isso em (42):



(42) P1 σ_3 2 S σ_3 V 4 O 5 6 PF

Um dado relevante da análise é o número de ocorrências de alguns σ_3 em *-mente*, que perfazem um total de 76% dos casos:

- realmente – 35% (98/283) ocorrências
- normalmente – 16% (46/283) ocorrências
- geralmente – 13% (36/283) ocorrências
- evidentemente – 12% (35/283) ocorrências

Os dados mostram que o satélite com maior número de ocorrências é o atitudinal *realmente*, que funciona como um Modalizador Asseverativo, já que indica que o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição apresentado por ele como uma afirmação ou uma negação que não dá margem à dúvida.

Das 98 ocorrências de *realmente*, 54% estão entre as posições 3, 4, O e 5; porém, se analisarmos apenas a posição 1 e a posição 3, verificamos que a primeira aparece em 46% das ocorrências e a segunda em 41% do total das ocorrências. Mesmo se tratando de uma vantagem irrelevante, notamos que a posição 1 (periférica) é mais ocupada em relação à posição 3 (intra-sentencial). Por fim, é possível confirmarmos que *realmente* tem o mesmo comportamento de todos os atitudinais.



Os advérbios *normalmente* e *geralmente* atuam sobre a proposição, uma vez que é possível, para ambos a paráfrase *eu não afirmo categoricamente que*, como vemos em (43) e (44):

- (43) Doc. quanto tempo demora...essa refeição?
 L2 ah essa refeição...**normalmente** leva meia hora mais ou menos ou menos...
 (D2-SP-360:325)
- (44) L1 e o pavimento em si que é um pavimento mais... espesso...prá aguentar um tráfego mais pesado...porque **geralmente** as estradas melhores são...de tráfego mais pesado...
 (D2-SSA-98, p.5:20)

Reconhecemos, porém, que *normalmente* e *geralmente* também admitem a paráfrase *quase sempre*, indicando a freqüência com que o EsCo ocorre, atuando assim sobre a camada da predicação. Desse modo, esses advérbios podem pertencer tanto à camada da proposição quanto da predicação. Vemos, então, que o mesmo item lexical é usado com funções variadas. Além disso, mesmo considerando esses dois advérbios como advérbios de predicação, os dados apontam para a preferência dos constituintes em *-mente* pela camada da proposição.

Quanto aos advérbios que especificam o EsCo em termos do tempo de sua ocorrência ou em termos do número de vezes que ocorrem, ou seja, satélite de predicação, a posição preferencial é a 2. A posição 3 é a segunda posição que mais abriga esse constituinte. Podemos representar isso em (45):

- (45) P1 1 σ_2 S σ_2 V 4 O 5 6 PF

Os dados mostram que apenas o satélite de predicação em *-mente* admite função pragmática. Verificamos ocorrências de σ_2 com função de Foco e “Preparador de Cenário” (*Stager*).

Com relação aos advérbios em *-mente*, que indicam a maneira e/ou instrumento pelo qual uma Ação acontece, uma Posição é mantida, um Processo é efetuado, ou ainda que indica o montante de Ação ou Processo que corre por uma unidade de tempo, isto é, os satélites de predicado, os dados mostram a posição 4 como preferida, seguida da posição 5. Podemos representar isso em (46):

(46) P1 1 2 S 3 V σ_1 O σ_1 6 PF

A partir da análise realizada nesta seção, concluímos que os advérbios em *-mente* caracterizam-se pelo caráter variado das funções semânticas que exercem e das posições em que ocorrem. Observamos que a função semântica desses constituintes na interação verbal é definida pragmaticamente e relaciona-se à posição ocupada por eles na oração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Dik (1989), o falante, movido por intenções comunicativas, organiza suas expressões lingüísticas de acordo com sua intenção comunicativa, numa dada situação de interação verbal.

Tomando por base essa perspectiva funcionalista, este trabalho teve como objetivo descrever o comportamento, com relação à ordenação na estrutura linear da oração, dos advérbios terminados em *-mente* no PB, tendo em vista a característica multifuncional desses constituintes.

Como já destacado neste trabalho, Moraes de Castilho (1989) ao investigar os advérbios em *-mente* a partir do quadro classificatório de Ilari *et alii* (1990), verificou que esse constituinte se distribui entre os modalizadores (*certamente, provavelmente*), qualitativos (*tipicamente*), aspectualizadores (frequência: *diariamente*), intensificadores (*altamente*), focalizadores (*justamente*), e circunstanciais (tempo: *atualmente*). Dessa forma, esses advérbios podem ocorrer nos vários paradigmas (advérbios sentenciais, de constituinte, intra-sentenciais, operadores discursivos), assumindo as funções características de cada um.

Conforme pudemos notar no decorrer deste trabalho, a classificação tipológica dos advérbios dada por Ilari *et alii* (1990) é diferente, porém, semanticamente muito semelhante à proposta de Dik *et alii* (1990) e Hengeveld (1997), que adotamos por considerarmos mais clara e, portanto, mais adequada.



A tipologia da GF parte da estrutura de oração subjacente, em que se distinguem quatro camadas da organização formal e semântica: a do predicado, da predicação, da proposição e da ilocução.

Os resultados mostram que os advérbios em *-mente* podem atuar em todas as camadas da estrutura subjacente da oração. Na primeira camada, esse advérbio adiciona características ao EsCo, especificando o instrumento com o qual o EsCo se efetua; indicando a maneira pela qual o EsCo se desenvolve e ainda expressando o montante de EsCo que ocorre por unidade de tempo, conforme exemplificam respectivamente as ocorrências (1), (2) e (3):

- (1) então a gente já limitou bastan::te nesse período extremamente vasto de seiscentos mil anos... embora... de vinte mil a doze mil... (quer dizer) praticamente oito mil anos... ainda seja... um período MUIto maiOR do que... o que nós conhecemos... **historicamente**... que abrange por volta de cinco mil antes de Cristo até hoje portanto... por volta de sete mil anos... certo?... (EF-SP-405:22)
- (2) é baseado em pesquisas... etnográficas... em pesquisas... no campo da ARte... mas uma série de coisas são suposições... se nós não podemos afirmar... **categoricamente** que as coisas se passaram assim... a gente tem uma série de dados... (EF-SP-405:30)
- (3) L1 então não professora de livro de ensinar a ler então não me aceitou e tudo mais agora na escola ele aprendeu **rapidamente** a ler...e começou a ler os livros que nós já tínhamos lido para ele não é?... (D2-SP-360:1450)

Nesse nível, porém, os dados revelam que os advérbios em *-mente* não são utilizados para expressar os outros tipos de satélite, como Beneficiário, Companhia, Causa interna, Qualidade, Origem, Direção e Percurso. Isso significa que, na camada da

predicação nuclear, o advérbio em *-mente* restringe-se aos satélites de Instrumento, Modo e Velocidade.

É relevante observar que, embora Instrumento seja função semântica adverbial prevista na GT (ROCHA LIMA, 1992, CUNHA, 1994), nenhum gramático exemplifica ocorrências com advérbios em *-mente* que expressem essa função. Além disso, ocorrência como (3) acima é classificada como advérbio de Tempo, o que não é adequado, uma vez que *rapidamente* não indica o momento em que ocorre o EsCo mas sim o montante de EsCo ocorrido por unidade de tempo.

Já na camada da predicação, os advérbios em *-mente* restringem-se ao Quadro Temporal, expressando apenas o tempo e a frequência com que o EsCo ocorre, conforme se observa em (4) e (5):

- (4) Inf olhe tem método não é? utiliza técnica... mas você note que são... métodos e técnicas... formais... lógico-formais... eu não sei quem... está ensinando a você **atualmente**... a teoria geral do estado é Bernadete (EF-RE-339, p.7:14)
- (5) eu gosto mais de laranja eu gosto de qualquer tipo de fruta mas como muito laranja chupo muito laranja tangerina...maçã é uma fruta que **constantemente** eu como quando eu quero levar assim uma merenda que eu vou passar a maior parte do tempo na rua aí eu geralmente eu levo maçã... (DID-RJ-328:656)

Duração, que também pertence ao quadro temporal, não admite expressão formal por meio de advérbio em *-mente*.

Todos os outros tipos de satélites pertencentes aos outros três quadros (Espacial, Cognitivo e relativo a outro EsCo), não se deixam expressar por meio de advérbios em *-mente*. Em outras palavras, os satélites Locação, Circunstância, Causa Externa, Condição,



Propósito e Razão nunca se manifestam na forma de advérbio, são sempre expressos por sintagmas preposicionados ou orações.

Os dados mostram que só os advérbios em *-mente* da segunda camada ocorrem com função pragmática de Foco e “Preparador de Cenário” (*Stager*), não sendo encontradas ocorrências desse constituinte com função de Tópico. Os advérbios de predicado e proposição em *-mente* não admitem função pragmática.

Com relação à terceira camada, a da proposição, os resultados revelam que advérbios em *-mente* só podem expressar a atitude proposicional do falante, conforme mostra (6), sendo-lhe vetado exprimir a fonte responsável pela informação contida no conteúdo proposicional, a evidência em que se baseia o conteúdo proposicional ou a motivação que dá suporte ao fato representado pelo conteúdo proposicional do ato-de-fala.

- (6) Doc e essas festas folclóricas como...reisa::do...
 L1 **infelizmente** eu acho que a tendência é morrer (D2-RE-05, p.9:10)

Quanto à quarta camada, embora os dados não contenham nenhum tipo de σ_4 , é possível ao advérbio em *-mente* indicar o modo do ato-de-fala, como comprova a ocorrência (7):

- (7) **sinceramente**³⁰ ... não consegui... não consegui entender (D2-SP-62:1369)

³⁰ Essa ocorrência é extraída dos materiais do Projeto NURC, mas não pertence ao corpus mínimo do PGPF.



Um aspecto que merece ser destacado neste momento é que, se considerado apenas o número de ocorrências, os advérbios em *-mente* predominam como satélites atitudinais (ou modalizadores). No entanto, uma análise mais acurada revela que esses advérbios, tal como preconiza a GT, em termos de ocorrência –tipo, predomina como satélite de Modo.

Esses resultados mostram que nosso primeiro objetivo, o de apresentar uma descrição mais clara e mais completa dos advérbios em *-mente*, foi alcançado: cada tipo de satélite expresso por esse tipo de advérbio atua em diferentes camadas da oração.

Como apontado na Introdução deste trabalho, nosso segundo objetivo é estabelecer correlações entre os valores semânticos e pragmáticos desses advérbios e as posições que eles ocupam na oração, procurando verificar se há uma posição preferida para cada tipo de satélite.

Tendo por base o esquema de ordenação dado abaixo,

(8) P 1 1 2 S 3 V 4 O 5 6 PF³¹

os resultados da investigação mostram que os advérbios que indicam Instrumento, Modo e Velocidade, ou seja, os da primeira camada, tendem a ocorrer na posição 4, imediatamente depois do predicado. Os satélites da camada da predicação, Tempo e Frequência, têm preferência pela posição 2, a anterior ao Sujeito. Já os Atitudinais, pertencentes à da proposição, assumem mais comumente posição mais à esquerda da oração, a posição 1.

³¹ Esse esquema é proposto por Pezatti, a partir de suas investigações sobre a ordem de constituintes. Ver Referências Bibliográficas.

Embora haja uma posição preferencial para cada tipo, é possível o posicionamento desses advérbios em outras partes da oração. Conforme indicam os dados, os advérbios em *—mente* da primeira camada, além da posição 4, que é a preferida, podem alocar-se também em 3 e 5, girando em torno do predicado propriamente dito ou do conjunto predicado/argumento, dependendo do tipo de predicação e da valência verbal, obedecendo assim ao Princípio de Integridade de Domínio (DIK, 1989), segundo o qual os constituintes preferem permanecer dentro de seu próprio domínio; e os domínios preferem não ser interrompidos por constituintes de outros domínios.

Os advérbios de predicação tendem a assumir a posição 2, pois geralmente desempenham a função pragmática de “Preparador de Cenário” (*Stager*), que situa a ocorrência do EsCo em relação ao tempo e à frequência. Desse modo, é o Princípio de Relevância Pragmática (DIK, 1989) que determina essa posição a esse constituinte. Segundo esse Princípio, constituintes com função pragmática especial são preferencialmente colocados em “posições especiais”, geralmente a posição inicial da oração. Isso não impede que esse satélite, quando não desempenha essa função pragmática, ocorra em P1, quando a ele é atribuída uma outra função pragmática, a de Foco; ou em posições periféricas ao predicado principal ou ao conjunto predicado/argumento, posições 3, 4 e 5, permanecendo assim dentro de seu próprio domínio (Princípio de Integridade de Domínio).

Com relação ao satélite de proposição, os dados revelam que a posição 1, entre P1 e posição 2, é a preferida, uma vez que esses constituintes modificam o conteúdo proposicional, apresentado pelo falante. Dessa forma, o princípio atuante é o Princípio de Ordenação Icônica (DIK, 1989), segundo o qual a ordem dos constituintes de uma expressão lingüística reflete iconicamente o conteúdo semântico da expressão em que



ocorre. Em predicções não-verbais, no entanto, a posição escolhida é a 3, antes da cópula ou entre a cópula e o predicado adjetival. A preferência por essa posição parece encontrar suporte no fato de que os atitudinais atuam como modalizadores, atingindo a informação “nova” geralmente contida no predicado.

Os resultados mostram que a posição 3 (entre S e V), embora não seja a preferida por qualquer tipo de satélite, pode abrigar advérbios em *-mente* pertencentes a qualquer camada da oração subjacente. Parece ser, então, uma posição “curinga” para receber satélites, mas não específica para qualquer tipo deles.

Com esses resultados, podemos afirmar que a hipótese de trabalho, conforme apresentada na Introdução, de que o tipo de satélite expresso por advérbios em *-mente* determina as diferentes posições assumidas por esse constituinte na estrutura linear da oração, parece se confirmar parcialmente, pois apesar de haver uma tendência de cada tipo de satélite para assumir determinadas posições, há outros fatores que podem interferir na ordenação desses constituintes, como a função pragmática e o tipo de predicação.

Segundo Hengeveld (1997), a evidência mais forte para a classificação dos advérbios vem da posição em que eles aparecem nas línguas. Se o predicado principal de uma sentença é tomado como centro, os advérbios podem orientar-se em direção a esse centro, de modo que as relações de escopo entre eles são refletidas pela ordem com respeito ao centro. A ordem dos dois advérbios do nível interpessoal, σ_4 e σ_3 , precedendo o predicado principal projeta as relações de escopo entre eles como refletido em sua representação subjacente. O mesmo ocorre com os dois advérbios subseqüentes ao predicado principal: o advérbio de modo (σ_1) posiciona-se mais próximo do predicado principal, seguido pelo advérbio de tempo (σ_2).

Essa tendência para a ordenação de advérbios parece ser forte, pois como mostra a análise, a ordenação dos advérbios em *-mente* no PB pode ser representada como em (9), em que σ_1 modifica o V; σ_2 escopa toda predicação central [S V σ_1] e σ_3 atinge a predicação estendida [σ_2 S V σ_1].

(9) P1 σ_3 σ_2 S 3 V σ_1 O 5 6 PF

A partir das considerações com relação à ordenação dos advérbios em *-mente*, observamos que a variação das posições ocupadas por esses constituintes é regular e sistemática, o que nos possibilita estabelecer as generalizações acima citadas.

Ainda que a análise dos advérbios terminados em *-mente*, sob a perspectiva da GF, tenha possibilitado a descrição da ordenação desses constituintes na estrutura linear da oração, temos consciência de que essa classe é merecedora de maiores investigações, porém, tendo alcançado os modestos objetivos a que nos propusemos, entendemos que este trabalho cumpriu seu objetivo maior que é dar contribuição para os estudos da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001, p. 286-295.

BOLKESTEIN, A. M. What to do with Topic and Focus? Evaluating pragmatic information. In: HANAY, M. & BOLKESTEIN, A. M. *Functional Grammar and verbal interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1999.

BOMFIM, E. *Advérbios*. São Paulo: Ática, Série Princípios, 129. 1988.

CÂMARA, A. L. *A ordem dos satélites de nível 2 no português brasileiro falado*. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica. PIBIC/UNESP/CNPq, 2003.

CASTILHO, A. T., PRETI, D. (orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, v. 1, 1986; v. 2, 1987.

CASTILHO, A. T. & MORAES de CASTILHO, C. M. M. Advérbios Modalizadores. In: *Gramática do português falado*. vol. II: Níveis de análise lingüística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CUCOLO, G. R. *Os constituintes adverbiais de nível 1 e 2 em posição inicial da oração*. São José do Rio Preto. 2002. 80 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas-UNESP-São José do Rio Preto.



CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 12 ed., Brasília: FAE, 1994.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

DIK, S. C. *Studies in Functional Grammar*. Londres/New York: Academic Press, 1980.

_____. *Functional Grammar*. Dordrecht/Cinnaminson: Foris Publications, 1981.

_____. *The theory of functional grammar*. Pt. I: The structure of the clause. Dordrecht-Holland/Providence RI – USA: Foris Publication, 1989.

_____. *The theory of functional grammar*. Pt. II: Complex and derived constructions. New York: Mouton, 1997.

DIK, S. C. *et alii*. The hierachical structure or fhe clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J.; BOLKESTEIN, A. M.; VET, C. (Eds.). *Layers and levels of representation in language theory: a functional view*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990. p.25-70.

FOLEY, W. A. & VAN VALIN, E. D. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge. 1984.

GARCIA, T. S. *A ordem dos satélites de nível 1 no português brasileiro falado*. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica. PIBIC/UNESP/CNPq, 2003.

GERBRUES, R. S. C. Dik's functional grammar: a pilgrimage to Prague? In: DIRVEN, R., FRIED, V. (Ed.) *Functionalism in linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1987. p. 101-34.



HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. (Org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. v. 1. São Paulo: Global, 1978. p. 125-161.

_____. *An introduction to Functional Grammar*. London: Arnold, 1985.

HANNAY, M. Pragmatic function assignment and word order variation in a functional grammar of English. *Journal of Pragmatics*. Amsterdam: North-Holland. 16, p.131-55. 1991.

HENGVELD, K. Parts of speech. In: FORTESCUE, M.; HARDER, P. & KRISTOFFERSEN, L. (eds.), *Layered structure and reference in a functional perspective*. Amsterdam. 1992a, p. 29-55.

_____. Non-verbal predication: theory, typology, diachrony (*Functional Grammar Series 15*). Berlin. 1992b.

_____. Adverbs in Functional Grammar. In: WOTJAK, G. (ed.) *Toward a functional lexicology*. Hacia una lexicología funcional. Berlin: Perter Lang. 1997, p. 121-136.

ILARI, R. *et alii*. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado*. Vol. I: a ordem. Campinas: Editora da Unicamp 1990. p. 63-141.

ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais. In: *Gramática do português falado*. vol. II: Níveis de análise lingüística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. Sobre os advérbios focalizadores. In: *Gramática do português falado*. vol. II: Níveis de análise lingüística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.



MACKENZIE, J. L. Adverbs and Adpositions: the Cinderela categories of Functional Grammar. *Revista Canária de Estudos Ingleses*. Tenerife, v. 42, 2001, p. 119-135.

MARTINET, A. *Estudios de sintaxis funcional*. Madrid: Gredos, 1978.

MATOS, S. Algumas considerações sobre Adverbiais de Localização e Quantificação Temporal. *Línguas e Literaturas*. Porto: Universidade do Porto, 2000, p. 175-201.

MONTEIRO, D. C. Aspectos da adverbialização em português. Araraquara. 353p. *Tese* (Doutorado em Letras) – FCL, Unesp. 1985.

MORAES de CASTILHO, C. M. Relatório à FAPESP, manuscrito. 1989.

NEVES, M. H. M. Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo. In: *Gramática do português falado*. vol. II: Níveis de análise lingüística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. A gramática funcional. *Abralin*. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, n. 15, 1994a.

_____. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa* (São Paulo), vol. 38: O funcionalismo em lingüística. 1994b, p. 109-128.

_____. A gramática de usos é uma gramática funcional. *Alfa*. São Paulo: Editora Unesp, v. 41, 1997, p. 15-24.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp. 2000.



OLIVEIRA, M. A. de. Algumas notas sobre a colocação dos advérbios qualitativos no português falado. In: *Gramática do português falado*. vol. II: Níveis de análise lingüística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

PEZATTI, E. G. A ordem de palavras em português: aspectos tipológicos e funcionais. Araraquara, 1992. *Tese de Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa*. FCL, Unesp, 1992.

_____. CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais da ordem de constituintes. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 13, n. 2, 1997, p.191-214.

POBLETE, M. T. El rol de los marcadores discursivos en el intercambio conversacional. *RLA – Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*. Concepción (Chile), vol. 34, 1996, p. 167-181.

POSSENTI, S. Ordem e Interpretação de Alguns Advérbios do Português. In: *Gramática do Português Falado*. vol. II: Níveis de Análise Lingüística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

PRETI, D., URBANO, H. (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, vol. 3, 1988.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981.

QUIRK, R.; et alii. *A comprehensive grammar of the English language*. London. 1985.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31 ed. Rio De Janeiro: José Olympio. 1992.



SANKOFF, D. VARBRUL: Université de Montréal. 1975 (mimeo).

SOUZA, E. R. F. *Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista*. 2004, 175p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos – Área de concentração: Análise Lingüística). Unesp. Câmpus de São José do Rio Preto.



Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 10 de dezembro de 2004.

MOEMA GUIDUCE NOGUEIRA



